



UNIVERSIDADE FEDERAL DE CAMPINA GRANDE  
CENTRO DE FORMAÇÃO DE PROFESSORES  
PRÓ-REITORIA DE PÓS-GRADUAÇÃO  
MESTRADO PROFISSIONAL EM LETRAS  
PROFLETRAS

JACIRA SANTANA DE SOUSA

**A CULTURA DOS CAUSOS POPULARES: ESTRATÉGIAS DISCURSIVAS DE  
LEITURA NO ENSINO FUNDAMENTAL II**

Cajazeiras/PB

2017



UNIVERSIDADE FEDERAL DE CAMPINA GRANDE  
CENTRO DE FORMAÇÃO DE PROFESSORES  
PRÓ-REITORIA DE PÓS-GRADUAÇÃO  
MESTRADO PROFISSIONAL EM LETRAS  
PROFLETRAS

JACIRA SANTANA DE SOUSA

**A CULTURA DOS CAUSOS POPULARES: ESTRATÉGIAS DISCURSIVAS DE  
LEITURA NO ENSINO FUNDAMENTAL II**

Dissertação apresentada ao Curso de Mestrado Profissional em Letras - Profletras - da Universidade Federal de Campina Grande, Campus de Cajazeiras-PB, como requisito para obtenção de título de Mestre, área de concentração Linguagens e Letramentos, sob orientação do Prof.º Dr. José Wanderley Alves de Sousa.

Cajazeiras/PB

2017

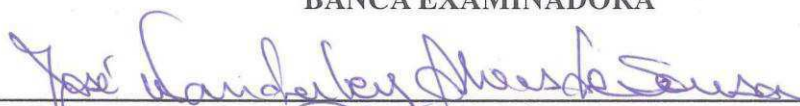
JACIRA SANTANA DE SOUSA

**A CULTURA DOS CAUSOS POPULARES:  
ESTRATÉGIAS DISCURSIVAS DE LEITURA NO ENSINO FUNDAMENTAL II**


Dissertação apresentada ao Curso de Mestrado Profissional em Letras - Profletras - da Universidade Federal de Campina Grande, Campus de Cajazeiras-PB, como requisito para obtenção de título de Mestre, área de concentração Linguagens e Letramentos, sob orientação do Prof.º Dr. José Wanderley Alves de Sousa.

Aprovado em: 23/02/2014

**BANCA EXAMINADORA**

  
Prof. Dr. José Wanderley Alves de Sousa – Orientador  
UFCG – CFP - UAL

  
Prof. Dra. Maria Irisdene Batista Barreto – Examinadora Externa  
FESC - FAFIC

  
Prof. Dr. Jorgevaldo de Souza Silva – Examinador  
UFCG – CFP – UAL

Prof.ª Dra. Maria Nazareth Lima Arrais – Examinadora Suplente  
UFCG – CFP - UAL

Bandeira nordestina  
Jessier Quirino

A bandeira nordestina  
É uma planta iluminada  
É qualquer raiz plantada  
Mostrando o caule maduro  
E quando o sol varre o escuro  
Com luz e sombra no chão  
É quando germina o grão  
É quando esbarra o machado

É quando o tronco hasteado  
É sombra pro polegar  
É sombra pro fura-bolo  
É sobra pro seu vizinho  
É sombra para o mindinho  
É sombra prum passarinho  
É sombra prum meninote  
É sombra prum rapazote

É sombra prum cidadão  
É sombra para um terreiro  
É sombra pro povo inteiro  
Do litoral ao sertão  
Essa bandeira que eu falo  
Tem cores de poesia  
Tem verde-folha-avoadada  
Amarelo-jaca-aberta

Em tudo que é vegetal  
Tem bandeira desfraldada  
No duro da baraúna  
No forte da aroeira  
No bandejar buliçoso  
Das folhas das bananeiras  
Das bandeirolas dos coentros  
E na marca sertaneja:

O rijo e forte umbuzeiro

## AGRADECIMENTOS

Agradeço a Deus por ter me agraciado com o dom da vida e permitir-me galgar degraus, jamais antes imaginados.

Ao PROFLETRAS por oportunizar a mim e a muitos professores a possibilidade de qualificação e melhoria da docência.

Ao meu orientador, Prof.º Dr. José Wanderley Alves de Sousa, pela paciência e bondade.

À minha família, especialmente aos meus pais José Amâncio e Judite, pelo apoio e confiança.

Ao meu esposo, José Orlando, pela paciência, pela presença e pelo apoio.

Às amigas, Suellen e Fabiana que muito contribuíram para que eu concluísse este trabalho, grata pelo estímulo e pelas palavras muito bem empregadas.

Aos professores e colegas que me enriqueceram com aroma de seus cérebros perfumados de conhecimento.

A minha gratidão a todos pela compreensão e pelo que significam na minha vida.

## RESUMO

Em consonância com a proposta do PROFLETRAS e considerando a necessidade de repensar o ensino, especialmente, o ensino de Língua Portuguesa, no tocante a busca da compreensão dos textos e de seus significados, estabelecendo relações com o seu universo de referência, é que apresentaremos neste trabalho, uma proposta de intervenção com o intuito de melhorar o desempenho das habilidades leitoras dos alunos do Ensino Fundamental II. Para tanto, recorreremos ao gênero causo da Literatura Popular. É notório que, até então, pouco se aborda Literatura Popular no Ensino Básico e esta é vista por muitos, como literatura de menor valor, por isso, visamos desmistificar tal ideia apresentando a sua diversidade e riqueza cultural. Os causos, em questão, são do poeta e contador de causos, o paraibano, Jessier Quirino que através do humor, aborda diversas temáticas, dentre elas, a vida do matuto do Nordeste. Além disso, embasados nos postulados na Análise do Discurso francesa, analisaremos as entrelinhas dos causos, sua ideologia e seu contexto de produção. O humor é elemento de destaque no gênero em estudo neste trabalho, portanto, destacaremos alguns conceitos da Teoria do Humor Verbal de Raskin, bem como, consideraremos os elementos que são responsáveis por ativar os gatilhos no texto para a construção do risível. Portanto, ressaltamos que o propósito da pesquisa é apresentar a riqueza do causo e como é construído o humor neste gênero para os estudantes do ensino Fundamental II, enfatizando a leitura, a compreensão e a oralidade, já que este tipo de literatura nos conduz com leveza, à ideia de leitura como prazer, lazer e deleite.

**Palavras- chave:** Leitura - causo – humor – Análise do Discurso

## ABSTRACT

In line with the proposal of PROFLETRAS and considering the need to rethink teaching, especially Portuguese language teaching, in relation to the search of the understanding of texts and their meanings, establishing relations with its reference universe is what we will present in this work, a proposal of intervention with the intention of improving the performance of the reading abilities of the Elementary School II students. To do so, we will resort to the genre, tale of the Popular Literature. It is evident that until now little is addressed in Popular Literature in Basic Education and this is seen by many, as literature of lesser value, so we aim to demystify such idea by presenting its diversity and cultural richness. The tales in question are of the poet and accountant of tales, the Paraibano, Jessier Quirino that through humor, approaches several themes, among them, the life of the hillbilly Northeast. Moreover, based on the postulates in the French Discourse Analysis we will analyze among lines the causes, their ideology and their context of production. Humor is a prominent element in the study genre, so we will highlight some concepts of Raskin's Verbal Humor Theory as well as, we will consider the elements that are responsible for activating the triggers in the text for the construction of the risible. Therefore, we emphasize that the purpose of the research is to present the richness of the tales and how the humor in this genre is constructed for students of Elementary Education, emphasizing the reading, the comprehension and the orality, since this type of literature conduct us lightly, to the idea of reading with pleasure, leisure and delight.

**Keywords:** Reading - tale - humor - Discourse Analysis

## SUMÁRIO

<b>INTRODUÇÃO.....</b>	<b>9</b>
<b>1 SOBRE A ANÁLISE DO DISCURSO FRANCESA: ALGUMAS CONTRIBUIÇÕES TEÓRICAS.....</b>	<b>11</b>
1.1 A IDEOLOGIA: CARACTERIZAÇÕES.....	12
1.2 BREVES CONSIDERAÇÕES SOBRE A NOÇÃO DE SUJEITO .....	14
<b>2 O DISCURSO DO HUMOR É COISA SÉRIA.....</b>	<b>17</b>
2.1 GÊNEROS HUMORÍSTICOS: CONCEPÇÕES.....	19
2.2 A CONSTRUÇÃO DO HUMOR NO DISCURSO DOS CAUSOS.....	21
2.3 COMPROVANDO OS GATILHOS NO TEXTO.....	23
<b>3 PERCURSO METODOLÓGICO.....</b>	<b>28</b>
<b>4 PROPOSTA DE INTERVENÇÃO DIDÁTICO-PEDAGÓGICA: OS CAUSOS DE JESSIER QUIRINO EM CENA.....</b>	<b>31</b>
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	40
REFERÊNCIAS.....	42
APÊNDICE.....	44



## INTRODUÇÃO

Ler e interpretar são habilidades imprescindíveis ao sujeito na sociedade contemporânea. A leitura nos proporciona a possibilidade de atribuir sentido ao mundo, inferir informações, questioná-las, negá-las e ressignificá-las. Mas, não uma leitura superficial. Faz-se necessário uma análise mais minuciosa dos textos, do seu contexto de produção e do seu processo histórico.

Compreendendo a necessidade de repensar o ensino, especialmente o ensino de língua portuguesa, no tocante à busca da compreensão do texto e significado, estabelecendo relações com o seu universo de referência e ainda, associando as sequências discursivas básicas, é que apresentaremos uma proposta de intervenção com o intuito de refletir sobre o ensinar e o aprender.

A deficiência na aprendizagem dos alunos do Ensino Fundamental é tema presente no nosso cotidiano e sabemos que este déficit encontra-se, especialmente, no eixo leitura, interpretação e escrita. Embasado nesta realidade, o presente trabalho tem a pretensão de apresentar outras possibilidades, propor estratégias de leitura e desenvolver a habilidade de escutar para o exercício da compreensão textual, utilizando como suporte um dos gêneros da ordem do narrar, o causo.

É importante observar que quando os professores trabalham na perspectiva da diversidade dos gêneros textuais melhora, acresce e diversifica as habilidades leitoras e produtoras de textos orais e escritos dos alunos, bem como os auxiliam no desenvolvimento do senso crítico, indicando incontáveis possibilidades de atuação social utilizando a linguagem a seu favor e da sua causa.

Um ponto imprescindível nesta pesquisa utilizando os causos como estratégias discursivas de leitura é o entendimento do humor presente neste gênero. A função do humor não é apenas provocar o riso, pode também despertar para uma reflexão crítica da temática abordada de uma maneira sutil e relevante, bem como contribuir para o desenvolvimento de habilidades relacionadas ao reconhecimento do humor e da ironia em diversas situações discursivas.

A cultura popular brasileira é conhecida por sua riqueza e diversidade. Podemos considerar a Literatura Popular como uma das vertentes desta cultura, que com toda sua expressividade vem desmistificando a ideia de literatura de menor valor e conquistando lugar nas escolas com seus diversos gêneros textuais, que possibilitam o desenvolvimento de

trabalhos que abordam os vários eixos do ensino de Língua Portuguesa que são a leitura, a produção de textos escritos, a oralidade e a análise linguística.

Esta pesquisa tem o intuito de apresentar a riqueza do gênero causos para os alunos do Ensino Fundamental II, enfatizando a leitura, a compreensão e a oralidade. Considerando que este tipo de literatura nos proporciona uma diversidade temática, que reflete com humor sobre questões sociais, políticas, líricas e culturais e nos conduz, com leveza, à ideia de leitura como prazer, lazer e deleite.

Contudo, elucidamos que nossa discussão não pretende substituir os textos literários canônicos por literatura popular, o nosso intuito é ampliar o tipo de leitura que aparece na escola, dando a oportunidade aos alunos de conhecerem a diversidade do nosso país, sem a ideia de imposição de uma cultura sobre outra.

Propomos aqui estudar os causos do poeta Jessier Quirino, em uma perspectiva voltada para a linha da Análise do Discurso francesa. Compreendendo que nenhum texto é neutro, analisaremos as entrelinhas, as ideologias presentes nos discursos dos sujeitos e, sobretudo, tentaremos sair do nível de interpretação superficial, pensando o contexto histórico e de produção, o dito e o não-dito nos causos.

## 1 SOBRE A ANÁLISE DO DISCURSO FRANCESA: ALGUMAS CONTRIBUIÇÕES TEÓRICAS

As contribuições de estudos que trabalham o discurso são inquestionáveis, pois oferecem a oportunidade de refletir sobre a língua, seus significados e a ideologia implícita nos textos. Oportuniza também pensar no seu contexto de produção e nos sujeitos envolvidos no processo. Como afirma Gregolim (1995), o Discurso é um suporte abstrato que sustenta os vários textos concretos que circulam em uma sociedade. Ele é responsável pela concretização, em termos de figuras e temas das estruturas narrativas.

A Análise do Discurso de linha francesa, cujos postulados embasam esta pesquisa, é considerada uma corrente relativamente nova. Foi propagada no final dos anos 60 com as considerações de Michel Pêcheux que relacionou a Linguística, a História e a Psicanálise, o que não significa dizer que o objeto de estudo seja interdisciplinar. O que se pretende é aplicar as teorias linguísticas sobre as ciências sociais analisando as interfaces da língua, buscando a compreensão e a produção de sentidos.

Contudo, vale salientar que, no modelo de Análise do Discurso francesa, temos influências do Marxismo devido ao contexto sócio-político da década de 60, e conceitos como condição de produção e ideologia passam a compor os questionamentos para compreender o discurso. Esta é uma ciência que considera o sujeito e a sua ideologia. Corroborar com esta premissa Lacan (2009 *apud* Mussalin), quando afirma:

Sendo assim, o sujeito do discurso não poderia ser considerado como aquele que decide sobre os sentidos e as possibilidades enunciativas do próprio discurso, mas como aquele que ocupa um lugar social e a partir dele, enuncia, sempre inserido no processo histórico que lhe permite determinadas inserções e não outras. (LACAN, 2009, p.110)

Outro ponto que evidenciamos são os estudos das premissas de Saussure. Apesar de ser inegável o seu valor para a legitimação da Linguística, ainda existiam insuficiências na dicotomia abordada pelo mestre de Genebra, pois do par *langue/parole*, apenas o primeiro era privilegiado, suprimindo a fala dos estudos linguísticos. Por isso, Pêcheux (1988) observa a ineficiência da dicotomia saussuriana para as atividades relativas ao discurso, visto que a língua é um fator social fruto da manifestação individual de cada falante.

Nessa perspectiva, fica perceptível que uma vertente que não contempla o linguístico e o social não atende aos objetivos desta pesquisa. Buscamos refletir sobre as relações entre linguagem e ideologia.

Para Bakhtin (1992), a palavra é signo ideológico, produto da interação social, retrata as diferentes formas de significar a realidade. Portanto, lugar privilegiado para manifestações ideológicas.

Cada signo ideológico é não apenas um reflexo, uma sombra da realidade, mas também um fragmento matéria dessa realidade. Todo fenômeno que funciona como signo ideológico tem uma encarnação material, seja como som, como massa física, como cor, como movimento do corpo ou como outra coisa qualquer. Nesse sentido, a realidade do signo é totalmente objetiva e, portanto, passível de um estudo metodologicamente unitário e objetivo. Um signo é um fenômeno do mundo exterior. O próprio signo e todos os seus efeitos (todas as suas ações, reações e novos signos que ele gera no meio social circundante) aparecem na experiência exterior. Este é um ponto de suma importância. No entanto, por mais elementar e evidente que ele possa parecer, o estudo das ideologias ainda não tirou todas as consequências que dele decorrem (BAKHTIN, 1992, p. 33).

Analisar causos, gênero da literatura popular, à luz da teoria da Análise do Discurso de linha francesa é observar os processos ideológicos presentes nas entrelinhas, o dito não dito, as várias maneiras de significar. E também comprovar ser possível uma teoria, inicialmente voltada para discurso político escrito, contemplar estudos com textos que, sobretudo, ganham vida e beleza na oralidade.

## **1.1 A ideologia: caracterizações**

A língua/linguagem está em constante transformação por ser utilizada pela sociedade com objetivos e finalidades múltiplas. Considerando a linguagem e todo seu poder no transcorrer da história da humanidade, percebemos que não há neutralidade no seu uso, mesmo inconscientemente, a sua produção está carregada de ideologia e diversidade de sentidos.

Interpretar, mais do que nunca, faz-se necessário, tendo em vista a quantidade de informações a que somos expostos diariamente e a velocidade com que elas chegam até nós, requer uma seleção cuidadosa para que não esqueçamos que todo discurso é ideológico, mesmo não estando evidente nos enunciados. Para Orlandi (2015), problematizar as maneiras de ler, conduz o sujeito falante ou leitor a questionar-se sobre o que produzem e ouvem nas diferentes manifestações da linguagem. E afirma:

Saber que não há neutralidade nem mesmo no uso mais aparentemente cotidiano dos signos. A entrada no simbólico é irremediável e permanente: estamos comprometidos com os sentidos e o político. Não temos como não interpretar. (ORLANDI, 2015, p.7)

Em vista disso, os estudos discursivos buscam refletir sobre a linguagem, a ideologia e como esta ideologia se revela na língua e nos sentidos produzidos pelos sujeitos. Porque como declara Pêcheux (1988), não há discurso sem sujeito e não há sujeito sem ideologia.

Estudiosos como Marx e Althusser, versam sobre a ideologia e seus fenômenos. Relataremos de forma sucinta algumas definições para uma melhor compreensão entre a relação discurso e ideologia.

Em Marx e Engels (1965, *apud* Brandão, 2004), vamos encontrar as concepções sociológica e histórica.

A sociológica é apresentada como processo de produção de consciência alienada de si mesma, mantendo pensamentos para a continuidade de divisões sociais, com o intuito de manter o princípio da dominação.

Na concepção histórica, a expressão ideologia aparece associada aos termos ilusão, ideal ou a um mascaramento da realidade. Refere-se a uma fantasia do passado com o objetivo de manter-se presente no futuro.

Em Althusser (1974, *apud* Brandão, 2004), discorre-se sobre aparelhos ideológicos e aparelhos repressores como estratégias de dominação. Formula ainda três hipóteses: “A ideologia representa a relação imaginária de indivíduos com sua condição de existência”; “A ideologia tem uma existência porque existe sempre num aparelho e na sua prática ou suas práticas”; “A ideologia interpela indivíduos como sujeitos”. Sobre tais conjunturas, Dunker (2008) esclarece:

A ideologia equivale a uma espécie de condição de possibilidade para a interpretação do mundo ou do outro ao mesmo tempo em que produz as formas subjetivas ou os pontos de vista para tais interpretações, terminando por esconder, deformar ou torcer o processo e as estratégias pelas quais isso é realizado. Por essas propriedades, a ideologia mantém grande aproximação com o próprio funcionamento de um discurso por um lado e com o inconsciente no sentido psicanalítico, por outro. Constituições de sujeitos, construção de práticas de significação e formação de estratégias de ocultamento são, portanto, traços definitórios da noção de ideologia (DUNKER, 2008, p.190-191).

Portanto, temos uma vertente que apresenta um conceito de ideologia mais restrito ao cunho dominador, que busca ludibriar a realidade, impondo contextos e discursos para que uma classe ou grupo social se sobreponha a outra, perpetuando-se no poder. A outra nos apresenta um conceito mais amplo, visto como concepção de mundo em um dado tempo e lugar que influencia um grupo social, seu discurso e sua história. É esta última percepção que nos interessa para este estudo. Esta que nos faz entender o sujeito como ser pensante e influenciado por ideologias, mesmo inconscientemente, que o faz refletir sobre a linguagem, ir além do que se diz, o que o faz sair da superfície das evidências.

## **1.2 Breves considerações sobre a noção de sujeito no discurso**

O sujeito se constitui na relação com o outro inserido em um contexto social. É por meio desta relação que podemos analisar o que é dito por ele, atribuindo sentidos de acordo com o contexto no qual são produzidos.

Para Bakhtin (2001), o sujeito se constitui em um processo de interação com o outro por meio da linguagem. Pêcheux (1988) afirma que o sujeito é formado por ideologias, inserido em um contexto social e em interação com outros sujeitos. Partindo desta visão teórica, pensamos o sujeito como ser ideológico, que mesmo inconscientemente, em seus discursos, expressa esta carga de ideias que lhe é inerente e a amplia em contato com o outro e o espaço vigente.

Orlandi (2015) declara que o sujeito é ao mesmo tempo livre e submisso. Ele é capaz de uma liberdade sem limites e uma submissão sem falhas: pode tudo dizer, contanto que se submeta à língua para sabê-la.

O sujeito utiliza-se da língua dentro de um determinado contexto e seleciona determinada expressão para produzir o efeito de sentido desejado, apresentando suas ideologias, fazendo uso da linguagem. O assujeitamento, termo utilizado para caracterizar a submissão do sujeito à língua, faz com que o discurso apareça como instrumento do pensamento livre e literal. No entanto, Orlandi (2015) nos alerta:

[...] se levamos em conta, como na Análise do Discurso, a ideologia, somos capazes de apreender, de forma crítica a ilusão que está na base do estatuto primitivo da literalidade: o fato de que ele é produto histórico, efeito de discurso que sofre as determinações dos modos de assujeitamento das diferentes formas –sujeito na sua historicidade e em relação às diferentes formas de poder. (ORLANDI,2015 p.49)

Contudo, devemos enfatizar que o discurso pode apresentar a ideia de literalidade, mas, apenas uma dessas ideias se faz presente, pois, o que atribuirá sentido é a relação discursiva existente em determinado contexto de produção instituído historicamente.

Considerando que a língua/linguagem não é estanque e finda, nem tampouco unívoca, reiteramos a concepção de que os sentidos, sujeitos e discursos sempre podem passar por um processo de metamorfose quando plantado em dado contexto. Para comprovar tal informação, citamos Orlandi (2015), ao declarar:

A consideração da linguagem é a incompletude. Nem sujeitos nem sentidos estão completos, já feitos, constituídos definitivamente. Constituem-se e funcionam sob o modo do entremeio da relação, da falta, do movimento. Essa incompletude atesta a abertura do simbólico, pois a falta é também o lugar do possível (ORLANDI, 2015 p.50).

Por conseguinte, afirmamos que a interpretação do discurso também é ampla e depende do contexto histórico e de produção. Está sempre propensa a tornar-se outra. Orlandi (2015) nos diz que a concepção de interpretação liga-se diretamente ao dizer do sujeito, que expressa suas ideologias, inconscientes ou não, materializando sentidos. No entanto, não é somente o que é externado, responsável pela significação. O não-dito, possui uma incumbência desmedida para a construção de significados e constituição de sujeitos. O dito não-dito nos revela que o discurso nunca é, sempre está. A transformação é constante diante das ideologias, contextos e manifestações do inconsciente.

Orlandi (2015) afirmar ainda que o dizer depende do não-dito e este, por sua vez pode ser o silêncio que é caracterizado como fundador e como política do silêncio. O silêncio fundador é aquele que faz com que o dito signifique. A política do silêncio divide-se ainda em silêncio constitutivo, contexto em que uma palavra apaga a outra, e o silêncio local que apresenta a proibição e a censura. Nas relações de poder presentes na sociedade, sempre temos palavras que são significadas pelo silêncio.

A produção de sentido é inesgotável, visto que o discurso sempre estabelece uma relação com o discurso anterior e é a base para um outro. Não há um discurso sem possibilidades múltiplas, assim como não há sujeitos que não constituam sentido, sem utilizar processos de transferências simbólicas e ideológicas.

Não podemos omitir que um texto só é assim considerado porque significa, porque apresenta uma formação discursiva predominante e um sujeito/autor que aparece no seu contexto de produção.

Convém esclarecer que o sujeito está para o discurso, assim como o autor está para o texto. Orlandi (2015), elucida:

[...] definimos o discurso como efeito de sentido entre locutores e consideramos, na sua contrapartida, o texto, como sendo uma unidade que podemos, empiricamente, representar como tendo começo, meio e fim, uma superfície linguística fechada nela mesma, assim também consideramos o sujeito como resultando da interpelação do indivíduo pela ideologia, mas o autor, no entanto, é representação de unidade e delimita-se na prática social como uma função específica do sujeito.  
(ORLANDI, 2015, p.71)

Portanto, o discurso não está preso a uma finitude. Sua materialidade compreende relações de memória, ideologias, inconscientes, esquecimentos e equívocos. Já o texto requer uma unidade que representa a linguagem com a letra e o som, mas conduzindo-nos a discursividade. Por isso, o sujeito torna-se autor ao construir um texto com coerência e completude imaginárias. O real e o imaginário representam o equilíbrio entre o discurso e o texto, entre o sujeito e o autor.



## 2 O HUMOR NO DISCURSO É COISA SÉRIA

O ser humano é dotado de várias habilidades, dentre elas, temos o reconhecimento do que é engraçado. O humor está presente em todas as culturas, podendo variar de acordo com o contexto social e as ideologias presentes em determinadas sociedades. Através do texto humorístico podemos refletir sobre comportamentos que, muitas vezes, são considerados inaceitáveis socialmente, mas que são permitidos enquadrados no humor. Portanto, através do risível no texto, analisaremos elementos importantes para compreendermos as ideologias que são transmitidas nas entrelinhas da comunicação.

O objetivo primordial da Língua é a comunicação e para que este seja bem sucedido faz-se necessário que não haja falhas ou quebras no processo entre os interlocutores. A linguagem é inerente ao ser humano e podemos dizer que o humor assim também pode ser considerado. No entanto, é válido ressaltar que pessoas de culturas distintas irão rir de situações e contextos diferentes, o que pode ser considerado engraçado para um pode ser visto como ofensa para outro. Aspectos sociais concretizam-se nas produções cômicas utilizando-se dos elementos discursivos. Possenti (1998) afirma que [...] a rigor, tudo é cultural. Não só os instrumentos de trabalho, os mitos, os sistemas de casamento e a organização das cores em um léxico, mas – e é o que aqui interessa – todos os textos, todas as formas de narrativa são obviamente culturais.

Empenharemo-nos na busca da construção dos sentidos, do que é significativo. Sabemos que os estudos referentes a questões humorísticas abordam diferentes métodos e pontos de vista. Interessa-nos, a luz das teorias da Análise do Discurso, compreender o contexto de produção, a disseminação dos textos chistosos e o que gera o valor humorístico.

Travaglia (2015) utiliza o termo categoria de texto para agrupar as produções textuais de uma sociedade considerando os aspectos comuns ao conteúdo, a estrutura, ao estilo, a função e aos objetivos. Segundo o autor, há quatro variedades de categoria de textos: tipo, subtipo, gênero e espécie.

O tipo é visto como instaurador de modo de interação que apresentam perspectivas distintas para a construção de tipologias diferentes. Por conseguinte, Travaglia (2015) categoriza os tipos de texto em :

1. Texto descritivo, dissertativo, injuntivo, narrativo;
2. Texto argumentativo stricto sensu e argumentativo não stricto sensu;

3. Texto preditivo e não preditivo;
4. Texto do mundo comentado e do mundo narrado;
5. Texto lírico, épico/narrativo e dramático;
6. Texto humorístico e não humorístico;
7. Texto literário e não literário;
8. Texto factual e ficcional.

Para este trabalho, interessa-nos o tipo humorístico que Travaglia define:

No texto humorístico (em oposição ao não humorístico) a perspectiva é na comunicação não confiável, ou seja, há um rompimento do compromisso da comunicação com a seriedade, de ser algo válido em que se pode confiar, do princípio segundo o qual se alguém me diz algo, aquilo deve ser levado em conta com seriedade. (TRAVAGLIA, p.51, 2015)

A perspectiva de comunicação não confiável envolve elementos do discurso subversivo, questionando verdades oficiais e tidas como absolutas, que em outro contexto não poderiam ser ditas impunemente, sem consequências. Porém, dentro do contexto humorístico, o interlocutor é pego de surpresa e o que é considerado absurdo passa a ser engraçado e aceitável, mesmo abordando temáticas que permeiam o preconceito e tabus. Logo, o texto humorístico, por situar-se no padrão não confiável, encontra-se livre de qualquer julgamento de valor, transformando o politicamente incorreto em algo cômico, corriqueiro e aceitável. Possenti (1998) enfatiza que só há piadas sobre temas que são socialmente controversos.

Nos postulados de Travaglia (2015) encontramos ainda o que este denomina de subtipo. Poderemos entendê-lo como variação do tipo e com características que podem mudar de acordo como grau de polidez utilizado, o beneficiado (o locutor ou interlocutor), o responsável pela realização da situação, a formação imaginária em termos de hierarquia e o ato da fala. Características estas que podem variar, mas ainda assim, permanecerão com traços do tipo do qual é uma variação. Do ponto de vista de Travaglia (2015):

O subtipo se caracteriza e pode ser identificado por ser uma categoria de texto que na verdade é um tipo, mas não um tipo independente, e sim um tipo que é variedade de um tipo caracterizado por uma perspectiva única em que os subtipos se encaixam, mas estes se distinguem por alguns fatores que se pode evidenciar e sistematizar (TRAVAGLIA, 2015, p.55).

Outro elemento das categorias de texto elencados pelo autor é o gênero, que segundo este, pode ser caracterizado e identificado por exercer uma função social específica de natureza comunicativa. E afirma:

Os gêneros representam um pré-acordo historicamente estabelecido sobre como fazer determinadas coisas com sucesso por meio da linguagem, ou seja, são categorias de texto que existem e funcionam discursivamente em uma sociedade e cultura para a ação linguística. São, portanto, instrumentos linguísticos de ação social (TRAVAGLIA, 2015, p. 57).

Para ilustrar esta categoria podemos citar como exemplo o romance, a novela, o conto, a fábula, a piada, o causo, a biografia, entre outros. Nos gêneros encontramos o tipo, o subtipo e a espécie. Deteremos-nos, especificamente, aos gêneros humorísticos, nesta pesquisa averiguaremos suas particularidades e composição.

É notório que para a composição dos gêneros e, sobretudo, o humorístico, encontraremos cruzamentos, conjugação e intercâmbios de tipos e subtipos, mas para que seja indubitavelmente humorístico esta tipologia deve sobressair-se, destacando os elementos do cômico, do risível.

## **2.1 Gêneros humorísticos: concepções**

Facilmente é considerado como humor os gêneros piada, esquete, farsa, auto, tira, charge e suas variações como a charge animada, a charge-okê (paródia musical), cartum, paródia e causos. Contudo, vale ressaltar que o humor pode aparecer em qualquer gênero, mesmo aqueles que se utilizam de caráter sério e reflexivo podem recorrer a este artifício eventualmente. E quando o escolhem, empregam a ironia, a homonímia ou metáforas para obterem o jocoso.

Comentaremos brevemente alguns dos gêneros mencionados a fim de enfatizarmos as semelhanças que os aproximam e as disparidades que os especificam.

**A piada** é, sem dúvidas, um dos gêneros humorísticos mais comuns em nosso meio. Está presente em todas as culturas. Trata-se de um texto narrativo curto, de enredo popular, com personagens caricaturados que se utilizam de uma linguagem coloquial e tem o objetivo de descontrair. Geralmente, apresenta ambiguidades e por vezes, podem ser consideradas ofensivas e preconceituosas.

**O esquete** é outro gênero humorístico muito utilizado, especialmente em programas burlescos, produzidos tanto para a televisão como para a internet. Trata-se de uma

piada encenada, uma peça de curta duração em que há a caracterização do personagem, cenário, música e outros recursos relativos ao teatro e sua temática engloba paródias sobre política, cultura e sociedade de modo geral. Nos programas humorísticos brasileiros que se utilizam desse gênero, é comum o uso de um bordão, ao qual o personagem recorre e que, comumente, marca o final da apresentação provocando riso.

A **tirinha** pode ser vista como uma história em quadrinho mais curta e que apresenta as mesmas características dos textos narrativos. Usualmente, apresentam um personagem principal central, uma época remota e faz o estereótipo de uma cultura. Entende-se como uma piada curta que se utiliza da linguagem verbal e não verbal para tecer críticas ao cotidiano com uma visão bem humorada. A tirinha circulava inicialmente em jornais, passando a aparecer também em revistas, livros e em páginas na internet. Também pode ser considerado como um gênero bastante utilizado em sala de aula.

A **charge** é mais um texto humorístico que se utiliza de desenhos, mas, não só disto, a linguagem verbal também pode aparecer. Entende-se como uma narrativa efêmera, pois sua produção está intrínseca aos acontecimentos relevantes do dia a dia. Seu principal suporte são os jornais e revistas impressos e digitais. Por apresentarem uma visão crítica sobre assuntos da atualidade empregando uma fina ironia, exige que o seu leitor faça inferências e analogias para que compreenda o teor da mensagem que é veiculada, visto que a charge é um texto temporal e faz caricaturas de personagens conhecidos.

O **cartum** apresenta elementos gráficos, podendo usufruir também da linguagem verbal quando necessário. Pode ser utilizada como legenda ou mesmo em balões no próprio trabalho. Ao contrário da charge, não se refere a uma temática especificamente da atualidade relativa a um fato, mas, abordam questões universais e atemporais relativas ao ser humano, sua essência, seu comportamento e sua vida em sociedade. Este gênero tem o intuito de conduzir a reflexão através do humor gráfico. Assim como a charge, é veiculada em jornais, revistas e sites especializados no assunto.

O **causo**, gênero humorístico que é o objeto desta pesquisa, ainda é pouco estudado nas academias, por fazer parte da literatura popular que, muitas vezes, é vista como uma literatura de menor valor. No entanto, este gênero exprime uma riqueza grandiosa, apresentando características da tipologia narrativa, propagando situações do cotidiano, sobretudo, situações interioranas, matutas e brejeiras.

O enredo gira em torno do matuto que tece suas considerações sobre o mundo e sobre os temas em debates nos causos. É sempre criativo, diante das situações mais inusitadas

encontra sempre a melhor saída para o problema, proporcionando ao gênero um elemento surpresa que muito agrada ao leitor ou ao ouvinte deste gênero.

A linguagem é carregada de elementos regionais e o texto repleto de ironias, ambiguidades, hipérboles, neologismos, entre outros elementos, refletindo com humor e senso crítico apurado sobre as situações do dia a dia.

O causo é um gênero que, assim como a piada, está muito presente no campo da oralidade e exige conhecimento de mundo interiorano para que o cômico possa funcionar. Assim, como todo texto humorístico, exige inferências para compreensão dos fatos narrados.

## **2.2 A construção do humor no discurso dos causos**

É indiscutível que o texto humorístico requer inferências para que o cômico seja ressaltado e o objetivo do texto seja atingido. Neste tópico, analisaremos os elementos e recursos geradores de humor, os elementos que são responsáveis pela funcionalidade do gênero. Possenti (1998) afirma que o discurso humorístico, embora não só ele, não está interessado em manter relações de significação num mesmo sistema de referência, sendo aliás, a justaposição de mais de um deles.

Sabemos que a significação para o texto é construída através de uma série de elementos que necessariamente precisam ser ativados. Sobretudo para o efeito de sentido cômico, os contextos de ordem linguística, cultural, histórica e social devem servir como base para a referenciação. E o que normalmente acontece é que a produção do humor se dar pela mobilização de mais de um desses pontos citados.

Segundo Raskin (1985, *apud* Carmelino, 2015) a capacidade de valorizar e apreciar o humor é universal e compartilhada por todas as pessoas, mesmo que as preferências de cada um sobre o tipo de humor possa diferir largamente.

O teórico tece considerações sobre a universalidade do humor, já que todos encontrarão algo do que rir, inseridos nos seus contextos e realidades sociais divergentes. Portanto, em algum momento, em dada situação, conseguirão se identificar ou compreender os elementos do risível e construir seus significados.

Bergson (1987) afirma que o riso é função social útil pois, está relacionado aos costumes de uma sociedade. Declara que o humor, o cômico, apresenta-se na fisionomia, nos gestos, nas situações, nas palavras e no caráter.

Possenti (1991), referindo-se ao texto humorístico, assegura que se o efeito do humor não for constatado, o texto não foi interpretado. O leitor ou ouvinte deve interpretar os diferentes sentidos que as palavras e expressões adquirem dentro dos mais diferenciados contextos. Para Possenti (1998), entender uma piada não é decodificar um texto, mas interpretá-lo, e que a interpretação demanda um trabalho do ouvinte, enquanto que a decodificação demanda apenas o conhecimento.

Freud (1969), ao estudar o efeito cômico do chiste, confirma que o humor encontra-se na expressão linguística do pensamento. Utiliza os termos “desconcertos” e “esclarecimentos”. O chiste conduz, inicialmente, o leitor ou ouvinte a seguir por uma linha de interpretação e em seguida, há uma mudança de significado. São estes fatores que provocam o riso e atribuem comicidade ao chiste.

Raskin (1985, *apud* Lins, 2015), apresenta a Teoria Semântica do Humor Verbal. Comprova que o texto humorístico, para assim ser considerado, deve apresentar as seguintes premissas:

- 1 Deve ser constituído de dois modos de comunicação, um “bonafide”, que se trata do discurso confiável, previsível, aceitável, aquele dito politicamente correto. O outro modo denomina-se “no- bonafide” que, na verdade, é o oposto do primeiro. Este é o discurso não confiável, imprevisível, inaceitável, marginal, o dito politicamente incorreto. Aquele que não tem compromisso em transmitir uma informação séria. Mas, que, no entanto, é perfeitamente bem vindo em textos humorísticos, considerando que o objetivo é fazer rir.
- 2 Apresentar dois scripts superpostos compatíveis com o texto humorístico, que devem apresentar oposições de três tipos: real/não real, esperado/não esperado, plausível/ não plausível. O script é definido por Raskin como o conhecimento de mundo do falante estruturado cognitivamente.

O teórico ressalta que a mudança de uma situação para a outra acontece através de um elemento textual que aparece em trecho-chave, o qual denomina de gatilho.

Posteriormente, Raskin (1985, *apud* Lins, 2015) apresenta em Teoria geral do humor, um modelo mais amplo, que compreende seis itens, os quais são flexíveis, podendo variar de acordo com a necessidade composicional do texto humorístico. A teoria reformulada abrange agora questões relacionadas à Pragmática e a Teorias da narrativa. O leitor ouvinte deverá compreender os seguintes elementos: linguagem, estratégias narrativas, situação

(assunto e personagens envolvidos), oposição de scripts, mecanismo lógico dos scripts e o alvo.

Embasados pela teoria que envolve o texto humorístico, podemos ressaltar que alguns elementos se sobressaem. Os textos cômicos veiculam discursos não oficiais, constroem estereótipos e utilizam elementos linguísticos como a ambiguidade, a homonímia, a ironia, os neologismos, entre outros, como responsáveis pela passagem de um script a outro, são, segundo Raskin (1985, *apud* Lins, 2015) os gatilhos que provocam o riso.

### 2.3 Comprovando os gatilhos no texto

Comprovaremos alguns dos elementos citados como gatilhos, segundo a teoria de Raskin, analisando um causo do poeta e contador de causo Jessier Quirino, um dos textos que elegemos como *corpus* desta pesquisa.

O causo *Probrema Cardíuco* narra um fato acontecido com um matuto chamado “Pedro e seu primo Aderaldo”. Pedro vai ao cardiologista para verificar a situação de seu coração, que está completamente saudável, enquanto Aderaldo, seu primo, vem passar uma temporada no interior para desanuviar de um problema cardíaco. Vejamos:

#### Pobrema Cardíuco

##### Jessier Quirino

Mas, cumpade véio, eu vou dizer um negócio a vocês! Uma coisa que num existe no sertão é pobrema cardíuco. O pobrema cardíuco é uma doença que se adquire com o vírus da letra "i": Imposto de renda, iptu, icms, implacamento de carro, ingarrafamento e istresse! Essas são as palavra que causa pobrema cardíuco. E no sertão num tem essas palavra! Aí mãe disse: Pedro tu cuida no teu pobrema cardíuco, que tu tá passando da idade! Aí eu fui pra Campina Grande, procurar um doutor coraçãozista.

O doutor mandou eu desembestar em cima de uma correia, com duas bengala pra segurar. Aí eu subi na correia e ele começou a botar a correia pra desembestar, e eu desembestei em cima da correia, eu disse: "bote correia!" Aí ele botou correia e eu comecei a desembestar. O doutor disse Tá cansado? E eu disse: Oxente! E houvera de eu me cansar com uma correia? Se eu vou todo dia no alto do bode buscar lenha, se eu

vou todo dia no riacho dos caçote buscar água, houvera de eu me cansar com um correia? Bote correia doutor! Aí o doutor botou correia, botou correia, botou correia

Aí eu desembestei em cima da correia, e fiquei lá, e fui na pisadinha, na pisadinha, na pisadinha. Quase que eu mato a correia de cansaço. Ela ficou toda mole, botou pra esquentar, o doutor disse: Senta aqui nessa cama.

Botou umas chupetinha nos meus peito, ligou a televisão do computador, e eu assisti meu coração fon-cio-nando! A coisa mais linda do mundo é um coração funcionando. Aparece na telinha assim uns risquim pra cima e pra baixo

Um trisco, um pum e uma linha, um trisco, um pum e uma linha, um trisco, um pum e uma linha, o doutor me deu o resultado num papé, eu botei numa moldura e dei de presente a mãe. Mãe botou na parede de lado do coração de Jesus, o coração de Jesus com uma coroa de espinho, e o meu com um trisco, um pum e uma linha.

Passado uns cinco, seis mês, aí mãe disse: Ô Pedro! Te sabe quem tá vindo pro sertão pra desanuviar de um pobrema cardiuco? Aderaldo, teu primo. Aí eu disse: Ah, mãe! Aderaldo foi pra São Paulo quando era menino, o pau que mais tem em São Paulo é o vírus da letra "i": ingarrafamento, istrésse! Essa palavra istrésse é de São Paulo! Todo mundo lá tem essa palavra istresse, mãe! Eu só conheço um nordestino que foi pra São Paulo que num pegou essa palavra istresse. Foi Luiz de Lindú. Luiz de Lindú só teve um istresse na vida. Foi quando ele cortou o dedo. Cortou o dedo num acidente, aí pronto, ficou por alí, vai e coisa, aí começou: a fundar sindicato, fazer greve, bater de frente com patrão, fundar partido, tomar cachaça, chegou a presidente da república e num tem pobrema cardíuco, mãe! Mar diga a Aderaldo que venha simbora, diga a Aderaldo que venha simbora!

Aí nisso, Aderaldo chegou. Eu disse: Aderaldo, o que foi que tu tivesse em São Paulo? Ele disse: Eu tive um pobrema cardíuco, o doutor fez um caceterismo, e disse que eu num tivesse istresse e que comesse uma comida rica em ferro! Aí eu disse:

Você veio pro lugar certo! Porque o sertão num tem istresse, você vai tomar sopa de feixo de mola de caminhão, suco de radiador de rural, e mãe vai fazer sandália japonesa no leite de coco que é rica em borracha. Você vai ficar com o coração novo. E nós vamos fazer coisa que num dá istresse: pastorar passarim em balde de açude e



pescar.

Nós tava no riacho dos caçote pescando, quando eu dei por fé, Aderaldo: "puf"! Teve um piripaque. Eu disse: Meu Deus do céu! Aderaldo vai ter um pobrema cardiuco! Ele levantou e disse: Não, Pedro, eu num tive um pobrema cardiuco. Eu tive foi um istresse! Eu disse: Que diabo de istresse, Aderaldo? Tu num sabe que no sertão num tem essa palavra istresse? O sertão é mais tranquile do que Nossa Senhora rezando, balançando os pés numa nuvem! Ele disse: Eu tive um istresse com essa cascavé, que tá nos meus pés balançando o maracá!

Marrapaz! Quando eu olhei pra os pés de Aderaldo, tinha uma cascavé da grossura de um vidro de ineiscafê! Eu tive uma raiva tão da molesta dessa cascavé, rapaz! Porque foi uma irresponsabilidade dela! Tá intendendo? As cascavé num rái de dezoito légua da fazenda do meu pai, elas tudim conhece os Rodrigue de Medero e num tinha nada que essa cascavé tá nos pés de Aderaldo, que ela sabe que Aderaldo é Rudrigues de Medero e sabe que Aderaldo é meu primo!

Aí eu botei um olhar de guerra pra cascavé! Quando ela viu meu olhar de guerra, aí disse: É é... porque num sei quê. Eu disse: Num sei quê, não! Você tá errada! Ela disse: Nam, que num sei quê. Eu disse: Você tá errada! Aí ela queria correr. Quando ela preparou pra correr eu botei o pé. Aí ela subiu pra me morder, rapaz! Aí eu dei de garra com ela com a mão, peguei ela assim pelo pescoço dei-lhe umas tapa nas zoreia e disse: Cascavé (tump!), fila da puta! Tu quer me matar de vergonha (tump!), quenga safada? Tu quer que o povo pense que Riacho dos Caçote é o rio Tietê (tump!), e que esse balde de açude é a Avenida Paulista (tump!), quenga safada? Tu num sabe que Aderaldo tem pobrema cardiuco (tump!)? Aí ela botou a linguinha pra fora e disse: Desculpe!

Rapaz, Aderaldo fez: "vuuuup"! Rapaz, ele deu um pique tão cachorro da molesta que encheu o bolso da camisa de terra e ralou a oreia no chão. Chegou lá no posto de saúde botando os bofe pra fora. Aí o doutor disse: O senhor tá sentindo falta de ar?

Aí ele disse: Não! Eu tou sentindo é falta de São Paulo! Aí nisso eu fui chegando

É deixe, deixe, deixe ele ir pra São Paulo, deixe ele ir pra São Paulo. Porque um cabôco que num pode ver uma cascavé pedindo desculpa a um sertanejo, um caba

desse tem mais é que tá em São Paulo. Deixe ele ir, ,deixe ele ir. Aí pronto, Aderaldo foi simbora. Aí nisso o doutor me chamou: Ei vamos acertar as conta? Eu disse: Vamos! Aí o doutor disse: Tem plano de saúde? Eu disse: Tem não! Ele num tinha plano de adoecer! Aí ele disse: Home! Quer saber de uma coisa? Vá simbóra! Vá simbora! Aí eu disse: Oxente! Parece que pegou ar!!!

QUIRINO Jessier, Berro Novo, Recife: Bagaço, 2009.

O texto apresenta uma série de elementos linguísticos que são os responsáveis por ativar os gatilhos para a passagem de um script ao outro. O caso apresenta expressões regionais que já atribuem um caráter cômico ao fato acontecido e os elementos inusitados na narrativa como o fato da cobra pedir desculpas ao sertanejo, podem ser considerados como gatilho gerador de humor.

Podemos citar como elemento linguístico que também contribui para o jocoso no caso o aparecimento do neologismo como nas expressões: “um doutor coraçãozista” e “vidro de ineiscafê”. Encontramos também algumas comparações que exercem a função de gatilho, são elas: “O sertão é mais tranquilo do que Nossa Senhora rezando e balançando os pés numa nuvem,” e “cascavé da grossura de um vidro de ineiscafê”.

A ironia é outro construtor do riso no caso em questão. Temos um momento em que Pedro elenca os fatores responsáveis pelos problemas cardíacos: “O pobrema cardíuco é uma doença que se adquire com o vírus da letra "i": Imposto de renda, iptu, icms, implacamento de carro, ingarrafamento e istresse! Essas são as palavra que causa pobrema cardíuco.” E quando o matuto usa da esperteza ao conversar com o médio, após o primo Aderaldo resolver voltar pra São Paulo : “Aí nisso o doutor me chamou: Ei vamos acertar as conta? Eu disse: Vamos! Aí o doutor disse: Tem plano de saúde? Eu disse: Tem não! Ele num tinha plano de adoecer! Aí ele disse: Home! Quer saber de uma coisa? Vá simbóra! Vá simbora! Aí eu disse: Oxente! Parece que pegou ar!!!”

Outros momentos no caso também provocam o riso, como na hora em que Pedro descreve o funcionamento do seu coração e o fato inusitado de emoldurar o exame para presentear a mãe que o coloca na sala ao lado da imagem do coração de Jesus.

O humor no caso *Pobrema cardíuco* é sutil e apresenta uma fina ironia. Exige inferências e analogias para a compreensão da proposta de riso. O leitor ou ouvinte precisa ativar seus conhecimentos de mundo para compreender que quando Pedro diz: “Eu só

conheço um nordestino que foi pra São Paulo que num pegou essa palavra istresse. Foi Luiz de Lindú. Luiz de Lindú” refere-se ao ex presidente da República Luiz Inácio da Silva, o Lula. Na sequência do caso, ele oferece mais informações para o leitor confirmar esta informação.

Portanto, percebe-se que os elementos linguísticos e discursivos são responsáveis pela construção do cômico. São os ativadores dos gatilhos, os responsáveis das passagens de um script para o outro.

### 3 PERCURSO METODOLÓGICO

A produção de conhecimento científico através da pesquisa é uma atividade metódica e exige procedimentos específicos. Severino (2010) diz não ser o bastante seguir um método e aplicar técnicas para se completar o entendimento do procedimento geral da ciência.

E afirma:

Esse procedimento precisa ainda referir-se a um fundamento epistemológico que sustenta e justifica a própria metodologia praticada. É que a ciência é sempre o enlace de uma malha teórica com dados empíricos, e sempre uma articulação do lógico com o real, do teórico com o empírico, do ideal com o real (SEVERINO, 2010, p.100).

Podemos afirmar que a modalidade da pesquisa em questão é bibliográfica. Utilizaremos as contribuições de autores e pesquisadores, partindo de registros disponíveis em documentos como livros, artigos, dissertações, teses, entre outros.

O presente trabalho de pesquisa concentra-se na área de Linguagens e Letramento, abordando as teorias da linguagem e ensino, especificamente a linha de Análise do Discurso. Seguindo a linha de pesquisa: Leitura e Produção Textual: diversidade social e práticas docentes.

A ideia de analisar causos advém dos estudos de textos narrativos e em especial, do contato com a literatura popular que, muitas vezes, é considerada como uma literatura inferior, e por tal motivo, desprestigiada. No entanto, este tipo de leitura nos apresenta um vasto campo para estudo, análises e interpretações.

Não é pretensão desta pesquisa negar o valor dos cânones da literatura, tampouco contestar a sua utilização na sala de aula do Ensino Fundamental, mas, ampliar os conceitos sobre literatura popular do Nordeste, especialmente, o gênero causo, pois, segundo Helder Pinheiro:

[...] devemos ler e levar ao espaço escolar toda manifestação artística, de qualquer grupo ou classe social, veiculada por diferentes suportes- oral ou escrito. Porque toda vivência artística de qualquer grupo, comunica uma experiência peculiar do mundo. É preciso ouvir a experiência do outro não como menor ou menos universal, mas, como diferente (PINHEIRO, 2001, p. 36).

É de conhecimento geral, que a literatura popular sempre esteve à margem dos conteúdos literários apresentados, tanto no ensino básico quanto no universitário, pois grande parte desta riqueza literária é transmitida pela oralidade e por muito tempo era oferecida às pessoas que não possuíam o domínio da língua escrita, em lugares ermos, em que a escola institucionalizada poucas vezes adentrava.

Diante desta ausência nos materiais didáticos contemporâneos, muitos questionamentos podem ser suscitados, mas, focaremos no significado destes textos para os alunos do Ensino Fundamental II, com o intuito de formar leitores, baseando-nos nas informações e ideologias contidas nas entrelinhas dos causos, tantas vezes ouvido e poucas vezes lido. Visamos desmistificar a ideia de que a literatura popular é inferior, desrotulando-a, tratando-a com o respeito que lhe cabe, como literatura.

Ao mencionar a expressão literatura popular, na maioria das vezes, esta é ligada automaticamente ao gênero cordel. No entanto, vale ressaltar que a literatura popular vai além, não se restringindo apenas a beleza e a musicalidade presentes no já citado gênero, temos também a poesia representada nas cantorias através dos repentistas e na prosa, representando um gênero da ordem no narrar, temos os causos.

A escolha do gênero causo se deu pelo encantamento que este nos proporciona com a sua leveza, por vezes lírica, por vezes cômica, mas sempre rica em significados e aparatos linguísticos.

O narrar está muito presente na vida da humanidade, portanto, textos que representam esta ordem são bem recebidos pelos estudantes do Ensino Fundamental e os pertencentes ao gênero causo aproximam-se ainda mais da vida simples do povo interiorano do Nordeste.

O texto oral começa a ser visto como manifestação cultural, já que, posteriormente a década de 60 e 70, a língua passa a ser entendida como atividade social e interativa com o surgimento da Linguística Textual e a Análise do Discurso e os causos representam, fortemente, a arte de declamar, contemplando o eixo da oralidade.

Para o gênero em foco, escolhemos os textos do poeta, músico, arquiteto e declamador paraibano, Jessier Quirino, que se considera um “prestador de atenção” e não como um estudioso do gênero. Sua paixão pela literatura e cultura nordestina já resultam em dez livros publicados, tendo como primeiro o livro *Paisagem de Interior*, em 1996.

Jessier Quirino afirma ser símbolo da resistência cultural e sabedor da existência do ranço preconceituoso existente em alguns setores intelectualizados da nossa sociedade,

visto que, nos causos encontramos o dialeto do matuto e por vezes, a deformação gramatical. No entanto, sabemos que os estudiosos da língua/linguagem entendem tais disparidades como variações existentes de uma mesma língua e que apresentam caráter enriquecedor, ao contrário do que cogitam alguns, ampliam nossas experiências linguísticas e consequentemente, o nosso conhecimento.

Outro detalhe que não podemos cercear é a metodologia utilizada para abordar a literatura nas turmas do referido nível de ensino. Espera-se que o objetivo de formar leitores seja prioridade e que seja aproveitada toda a riqueza presente neste âmbito da literatura, visto que traz uma experiência de grupos sociais distintos, apresentando-nos significados por abordar vivências de pessoas simples, mas com percepções e análises apuradas sobre a condição humana, a sociedade e a natureza.

Como proposta de intervenção, utilizaremos a metodologia de oficinas, pois através desta sistematização, pode-se produzir leituras significativas que promovem a interação dos alunos e consequentemente, situações que promovam a formação de leitores de textos literários canônicos e populares.

A pesquisa busca esclarecer os benefícios do uso da literatura popular, especialmente do gênero causo, apontando algumas possibilidades de abordagem para o ensino-aprendizado, sobretudo, analisando os diversos sentidos e interpretações possíveis, o dito e não dito, com embasamento nas teorias de Análise do Discurso.

## **4 PROPOSTA DE INTERVENÇÃO DIDÁTICO-PEDAGÓGICA: OS CAUSOS DE JESSIER QUIRINO EM CENA**

A literatura popular ainda não tem um lugar adequado em nossas escolas, isso faz com que nossos alunos da Educação Básica não tenham acesso à riqueza dessa arte. Assim, com o objetivo de enfatizar essa literatura popular e levá-la para sala de aula, desmistificando a ideia de que ela é uma literatura menor, propomos atividades discursivas para as turmas do 9º ano do Ensino Fundamental II.

Para tanto, essa proposta de intervenção foi desenvolvida a partir do gênero causo, de forma que as atividades possam promover reflexões críticas a respeito dos temas abordados. O escritor e poeta paraibano Jessier Quirino foi escolhido pela criatividade e sutileza na composição de seus causos, que retratam o cotidiano do interior tendo o matuto como personagem central, com toda sua esperteza e sabedoria brejeira.

A proposta é um caderno que consiste numa organização de atividades envolvendo o gênero escolhido em forma de oficinas que abordam o causo em suas especificidades, propondo audições, leituras e reflexões em torno dos temas abordados e da construção do gênero, dando destaque para seus elementos.

Apresentaremos uma das oficinas, com fundamentações para as atividades propostas. A sequência completa desse material encontra-se no apêndice.

### **Oficina I: Um tibungo nos causos**

#### **Objetivos:**

- Direcionar a atenção dos estudantes para a literatura popular utilizando o gênero causo.
- Apresentar toda a beleza e encantamento presente neste gênero através da audição, estimulando a prática da escuta de causos.
- Entender por que o texto é engraçado e como o humor é construído linguisticamente.

**Duração:** 2 aulas

**Você vai precisar de:** Datashow, notebook, caixa de som, vídeo disponível em <https://www.youtube.com/watch?v=FCqR5-BlvE>, tarjetas com comparações.

O causo é o contar de um fato acontecido com alguém. Diferentemente da piada, este tem origem verdadeira, com personagens reais, mas, é notório que, como afirma o poeta e contador de causos Jessier Quirino, é uma verdade melhorada.

Optamos por iniciar as atividades privilegiando a oralidade, porque o causo é contado não somente usando elementos linguísticos, mas também corporais, enfatizando a entonação e trejeitos para melhor compreensão do texto e, por conseguinte, do humor.

Possenti (2014) nos diz que o humor exige inferências. Partindo dessa premissa, acreditamos que a compreensão do humor nos causos será mais eficaz que em outros gêneros, uma vez que o cômico é construído com elementos regionais e interioranos, que fazem parte do ambiente no qual estão inseridos os nossos alunos, o que, portanto, simplificará a sistematização das atividades para que haja entendimento e interação dos alunos entre si e com o gênero abordado.

### **PASSO 1:** Motivação para o escutar do causo

O professor deverá começar a conversa com algumas perguntas para ambientar os alunos na temática que será abordada. Seguem algumas sugestões:

1. Quem gosta de contar histórias?
2. E histórias engraçadas? Alguém conhece alguma história engraçada que foi contada por algum conhecido ou alguém da região que vocês moram?

Após essa primeira sondagem, o professor pode apresentar o causo de Jessier Quirino para a turma, citando primeiramente o seu título: **O matuto no cinema!** E em seguida, fazer a predição do texto.

1. O que vem a mente de vocês quando escutam a palavra matuto?
2. E como vocês imaginam que um matuto vai se comportar no cinema?

Esse diálogo inicial com os alunos ocorrerá de forma oral para despertar o interesse e construir hipóteses e o professor deve estar atento às respostas dos discentes para refutar ou confirmá-las após a audição do causo.



**PASSO 2:** Exibição do vídeo: *O matuto no cinema*, Jessier Quirino.

Tempo: 7: 46

Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=FCqR5-BlvE>

Nesse causo, Jessier conta a história de um matuto analfabeto que vai à capital e assiste a um filme legendado no cinema. Ao retornar para sua localidade, ele relata todo o filme, à sua maneira e linguagem para os seus amigos e compadres, de forma que os ouvintes conseguem visualizar e compreender a emoção do filme. Como mostra o texto escrito a seguir:

### **Matuto no Cinema**

E o matuto, rapaz?...

Analfabeto de pai e mãe – e parteira! – e sai do Sertão pra Capital, pra assisti um filme istrangeêro legendado! Quando ele volta pro Sertão, pois ele nun conta o filme todinho?

Ma rapai... Eu fui lá na capitá, rapai. Eu assisti um filme autamente internacioná! Pense num filme internaciná? E tem uma coisa: um filme mafioso! Um filme mafioso! Ói, tinha dois Atista! Tinha um Atista qui sufria e o Atista qui salvava!

Meu cumpade, o Atista qui sufria: pense num cabra corajoso! Rapai, o caba nun tinha medo de nada não, rapai! Rapaiz, o bandido, o bandido, pirigoso que só buchada azeda, invocado qui só um fiscal de gafeira, séro qui só um porco mijano, tinha um dedo da grussura de um cabo de foimão.

Amarraro o Atista cum imbira. E tem uma coisa: imbira dos Estado Zunido, nun tem quem se solte não, rapai! Amarraro o Atista cum imbira, butaro o caba sentado, à força, numa cadeira. Aí, chegou o Bandido. Butou o dedo na cara do Atista, e disse:

- Nun sei que lá, nun sei que lá, nun sei que lá, nun sei que lá, nun sei o que lá!

Tá pensano que o Atista teve medo, rapai? O Atista, amarrado cum imbira, rapai,

teve que uvi tudinho! Mai, muito do tranquili, olhô pra cara do Bandido e disse:

- Nun sei que lá, nun sei que lá, nun sei que lá, o quê, mermão?...

Mai rapaiz, esse bandido inchô feito um cururu no sal, nun sabe? Isfregô o dedo na cara dele assim... e disse:

- Nun sei que lá, nun sei que lá, nun sei que lá, nun sei que lá, seu fila da puta!...

E tu tais pensano que o Atista teve medo? Ô xent!... Amarrado cum imbira, do jeito qui tava, ficô muito do tranquili, olhô assim pu bandido e disse:

- Nun sei que lá, nun sei que lá, nun sei que lá, um carái!...

Mai meu cumpade, esse bandido pegô um á!... Pense numa pegada de á!... Ma rapai, foi uma pegada de á tão muidida do pôico! Aí, puxô uma chibata feita de virola de pineu de caminhão, nun sabe? Mais cumprida do que uma língua de manicure, de-lhe uma chibatada tão aparentada a um coice de besta parida, qui ficou escrito assim, da taba dos quêxo pa o porta-urelha do individuo: **FIRESTONE!**...

Eu sei qui nessa hora, no mêi dos bandido, tinha um, qui era do time do Atista, rapai. Do time da gente, nun sabe? E ele tava camuflado, feito rapariga de pastô. Nun tinha quem discunfiasse, rapaiz. Camuflado lá pur dênto! E ele tinha um relóge puxado pá telefone. Aí, ele foi pum pé de parede, cum o relóge dele, aí, passô o bizu pra Pulixa qui tava lá imbaxo. Ele pegô o relóge e disse:

- Nun sei que lá, nun sei que lá, nun sei que lá, nun sei que lá...

Contô tudo à Pulixa! A Pulixa lá imbaxo, nos carro, uvino tudinho pelo rádio! E a pulixa dos Istado Zunido nun se veste de pulixa não! Se veste de adevogado! Aí, a pulixa, dento dos carro, só feiz pegá o rádio e chamá os carro tudin dos Istado Zunido, rapai!

-- Acunha, acunha, acunha, acunha!... E todos os carro! Acunha qui o negócio é séro!... Acunha, acunha, acunha...

Ai, os carro acunharo!... E os carro acunharo, acunharo... Ói, era mais carro em cima do préidio, de que romêro em cima de Pade Ciço!

O préidio, rapai, era um préidio grande! Tinha... uns dois ou três andá! Ô era... um Colégio de Frêra, ô era uma Prefeitura. Eu sei que nun tinha quem entrasse. Um préidio todo de vrido, infeitado feito pintiadêra de rapariga, nun sabe? Aí, a puliça: tome corda, tome corda, tome corda, tome corda... Quando a gente pensava qui era a puliça qui ia subi pu fora do préidio, pa salvar o Atista, aí veio o momento mais arripiadô do filme, rapai! Foi quando chegô o Atista Principal, o Atista Salvadô!... E ele vei nun avião daquele... daquele avião qui tem uma penêra incima, nun sabe? Aí, o avião vei... E o avião nun vuava não, era parado! O avião ficô parado incima da Prefeitura!

Pela capota de vrido, a gente já via o Atista: o Atista forte, cum uns peitão, dois cinturão de bala, uma ispingarda da grussura de um cano de isgôto, rapai. Aí, o Atista ficô assim na porta do avião. Ó o nome do Atista: Arnô Saginégui!... Agora, nun é desses Arnô Saginégui do Sertão, qui dá no cu de todo mundo não! É Arnô Saginégui importado! Ô é da Chequilováquia, ô é da Bolívia, tá intendenô?

Eu sei qui o Arnô Saginégui ficô na porta do avião, aí o chofé do avião olhô pra ele e disse:

- Acunhe!... Pode pulá!

Aí, ele pulô lá de cima! Pulô lá de cima, bateu no telhado, furô a laje, bateu memo no lugá aonde o Atista tava preso, cum os bandido. Pegô os bandido tudo disprivinido, cumeno cuscuz cum leite, rapaiz!

Eu sei qui nessa hora, o Atista pegô a ispingarda, disse:

- Nun sei que lá, nun sei que lá, nun sei que lá, nun sei que lá....

Ói, ele matô tudinho!... Aí apareceu mai bandido. Vixe!... E foi briga de sê midida a metro! Ele deu um tabefe no porta-urelha de um caba lá chamado Mané Capado, qui ele bobuletoou uns dois palmo e caiu no chão, feito uma jaca mole.

Aí teve um bandido, rapaiz, que omilhô o Atista, com uma dedada aonde as costa muda de nome. Meu cumpade, êsse home, ofendido na região glútia, virô uma fera! E, entre a rapidez da dedada e imediatidade do êpa, deu-lhe um berro nas oiça do sujeito, qui iscurrêdo na froxura e caiu sentado!

Nessa hora, meu cumpade, o Atista partiu pra cima dele, com o gênio de cento e

cinquenta siri dento numa lata de querosene, deu-lhe um supapo no serrote dos dentes, que choveu canino, molar e incisivo por três dias no Sítio Boca Funda!

Ai, nessa hora, meu cumpade, o Bandido Principal saiu num derrapo de velocidade! Aí, o Atista deu-lhe um chuvaréu de bala, meu cumpade, qui a gente teve que se abaixar dentro do cinema! Aquelas letrinha qui passa lá no filme... Ele derrubô umas cento e quarenta! E eu ainda peguei umas quatro. Tá aqui, pra você vê!...

**Fonte:** Disco Paisagem do Interior I - Faixa 13 Jessier Quirino

Após a exibição do caso, o professor deve fazer alguns questionamentos orais. Para guiar a discussão; sugerimos alguns:

1. Qual é a característica principal do matuto apresentada neste vídeo?
2. O contador do caso afirma que o matuto em questão é analfabeto de pai, mãe e parteira. Como ele consegue contar um filme legendado?
3. De onde vem a sabedoria do matuto?

É importante que o professor chame a atenção dos alunos para o fato de o matuto não ser uma pessoa específica, mas um estereótipo, uma representação, o que é extremamente comum, em textos do gênero humorístico. Possenti (2014), já afirma: “a identidade é representada através de estereótipos”. Portanto, neste momento da atividade, vale desmistificar a ideia de que o matuto é um ser desprovido de conhecimento.

### **PASSO 3:** Identificando o humor no texto

Neste momento, a partir do caso ouvido pelos alunos, o professor chamará a atenção para um elemento característico do caso, o humor. Este é construído nesse gênero por meio de vários artifícios, e deve ser papel da escola o desenvolvimento da habilidade de identificar o(s) elemento(s) que é/são responsável(is) para a criação do cômico no texto. Para tanto, o professor deve guiar a discussão, continuando com o seguinte questionamento:

Qual (is) a ( s) parte ( s) do causo que vocês consideraram mais engraçado ( s) ? Por quê?

Após a resposta dos alunos, é necessário um retorno ao vídeo para confirmarem os elementos do risível. Eles deverão observar se os momentos em que a plateia gargalha coincidem com o que elegeram cômico.

Possivelmente, os momentos de riso da plateia e o dos estudantes serão os mesmos. Percebe-se que todos acham engraçado o momento em que o contador do causo utiliza comparações para enfatizar determinadas situações. Para estas comparações, ele utiliza expressões regionais e típicas da oralidade. Outros recursos também são responsáveis pelo humor, como o uso de adjetivos inusitados, hipérboles e o uso de palavrões.

Como já foi mencionado no aporte teórico, na Teoria geral do humor verbal, de Raskin, o cômico surge na passassem de um script para o outro, de uma situação para a outra. Esta passagem é ativada, segundo o autor, através dos gatilhos, que são os elementos linguísticos responsáveis pelo inesperado que causam o riso. Analisaremos, no causo em questão, as comparações como elementos acionadores do gatilho do humor. Para isso, sugerimos os seguintes passos:

- 1.O professor deve dividir os alunos em grupos de três e entregar a cada grupo tarjetas, preparadas previamente, com as comparações utilizadas no causo. (A divisão dos grupos pode variar de acordo com o número de alunos da classe).
2. O professor explicará que cada grupo analisará a sua expressão comparativa, atribuindo-lhe sentido, explicando o porquê de ter sido utilizada no causo.
3. Refletirão sobre a pergunta: Se a comparação utilizada fosse formal, teria a mesma graça? É importante que o professor oriente os alunos a sistematizar as suas respostas através da escrita, uma vez que além de praticar o letramento, facilita a socialização das ideias dos trios.
4. Com a turma disposta em círculo, os grupos apresentarão suas conclusões e o professor fará as intervenções necessárias, complementando as ideias dos alunos. Uma sugestão é que os alunos escrevam suas conclusões no verso na tarjeta para fazer parte do material utilizado na exposição final de culminância das oficinas.

## TARJETAS COM AS COMPARAÇÕES UTILIZADAS NO CAUSO.

1. Bandido perigoso que só buchada azeda.

2. Invocado que só fiscal de gafeira.

3. Sério que só um porco mijando.

4. Esse bandido cresceu feito um cururu no sal.

5. Deu-lhe uma chibatada tão aparentada a um coice de besta parida.

6. Disfarçado feito rapariga de pastor.

7. Era mais carro em cima do prédio do que romeiro em cima de padre Cícero.

8. Caiu no chão feito uma jaca mole.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

O ser humano é dotado de inúmeras habilidades, dentre elas temos a linguagem, meio eficaz de comunicação, o que nos diferencia dos demais seres vivos. Através da comunicação desenvolvemos reflexões, discutimos conceitos e usamos da persuasão para fazer-nos entender. Este estudo nos oportunizou a aprofundar conceitos relativos a língua, a linguagem e ao discurso através de estratégias desenvolvidas com o intuito de aprimorar as habilidades de leitura e escrita, voltadas para os estudantes da Educação Básica, especificamente, para o Ensino Fundamental II, turmas de 9º ano embasados na análise do gênero textual causos.

O trabalho com gêneros textuais amplia as possibilidades de o aluno desenvolver atitudes críticas diante dos textos, opinar sobre eles e compreender as ideologias que lhes são inerentes.

Para tanto, esta pesquisa foi importante porque possibilitou que tivéssemos contato com teorias que aprimoraram o nosso conhecimento bibliográfico, para só então passar a refletir sobre o ato de ensinar e de aprender, tendo como base o texto para oral ou escrito. Com isto, destacamos a importância da Literatura Popular nas aulas de Língua Portuguesa, afirmando o valor que lhe cabe, desmistificando o estereótipo de que, por ser oriunda do povo, é uma literatura de valor inferior.

Partindo desse pressuposto, o trabalho foi desenvolvido com o gênero causo. Gênero humorístico riquíssimo em possibilidades de trabalho com a língua. O foco desse estudo foi desenvolver estratégias de leitura para o ensino fundamental II, mergulhando no fantástico mundo do matuto do interior que demonstra sua sabedoria e esperteza diante dos fatos mais inusitados.

Os textos são de autoria do poeta e contador de causos paraibano Jessier Quirino. Os seus causos são repletos de elementos do sertão e giram em torno de acontecimentos na vida do matuto sabido, que com humor resolve as desventuras da vida.

Por entender que o a compreensão do humor exige inferências e analogias, direcionamos o estudo para a identificação dos elementos que constroem o cômico no texto. Para que o risível seja percebido, o leitor ouvinte precisou acionar uma série de elementos linguísticos e discursivos.

Atendendo à proposta do PROFLETRAS, um dos objetivos deste trabalho foi a elaboração de um caderno de atividades. Nele apresentamos estratégias de leitura e escrita



com o gênero causo, utilizado a metodologia das oficinas para serem desenvolvidas com os alunos do 9º ano do Ensino Fundamental, podendo ser adaptado a outras séries.

O caderno englobou atividades que permearam o campo da leitura e oralidade, conduzindo o aluno ao maravilhoso mundo dos causos. Com a primeira oficina buscou-se despertar o interesse dos alunos pelo gênero em estudo, sobretudo, os do poeta e contador de causos Jessier Quirino. Neste primeiro momento, procurou-se escutar em busca do prazer e, posteriormente, começamos as análises e as produções.

Com as oficinas, objetivou-se, não apenas o deleite ou valorização da Literatura Popular, mas também conduzir os alunos à reflexão e percepção das ideologias que estão subentendidas nos causos.

Portanto, este trabalho buscou contribuir com a prática dos professores de Língua Portuguesa, especialmente, no tocante aos trabalhos com a Literatura Popular que têm sido tão escassos nas nossas escolas. Colaboramos com um caderno de atividades, tendo como base o gênero causo, já que a maioria das atividades voltadas para a literatura popular tem como corpus o cordel, decidimos inserir outro par complementar e ampliar as possibilidades de ensino e aprendizagem. Ressaltamos que as oficinas registradas nesse caderno são possibilidades, podendo ser alteradas de acordo com a necessidade da turma e da criatividade do professor.

## REFERÊNCIAS

- ARANTES, Antonio Augusto. *O que é cultura popular*. São Paulo: Brasiliense, 2006.
- BAKHTIN, Mikhail. *Estética da criação verbal*. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2001.
- BAKHTIN, Mikhail. *Marxismo e filosofia da linguagem*. São Paulo: Hucitec, 1992.
- BERGSON, Henri. *O riso*. Rio de Janeiro: Guanabara, 1987.
- BRANDÃO, Helena Hathsue Nagamine. *Introdução à análise do discurso*. Campinas: Editora da UNICAMP, 2004.
- CARMELINO, Ana Cristina. *Humor eis a questão*. São Paulo: Cortez, 2015.
- COSSON, Rildo. *Letramento literário: teoria e prática*. São Paulo: Contexto, 2007.
- DUNKER, Christian Ingo Lenz. *Discurso e ideologia*. São Paulo: Parábola editorial, 2008.
- FIORIN, José Luiz. *Linguagem e ideologia*. São Paulo: Ática, 1990.
- FREUD, Sigmund. *Os chistes e suas relações com o inconsciente*. Rio de Janeiro: Imago, 1969.
- GREGOLIN, Maria do Rosário Valencise. *A análise do discurso: conceitos e aplicações*. São Paulo: Alfa, 1995.
- LEITE, Lígia Chiappini Moraes. *O foco narrativo*. São Paulo: Ática, 1985.
- LINS, Maria da Penha Pereira. Os contos de fada na visão de Mafalda: ou até quando vamos ser os frangos da literatura? In CARMELINO, Ana Cristina (org.). *Humor: eis a questão*. São Paulo: Cortez, 2015.
- MUSSALIN, Fernanda & BENTES, Ana Christina. *Introdução à linguística: domínios e fronteiras*. São Paulo: Cortez, 2009.
- ORLANDI, Eni Pulcinelli. *Análise de discurso: princípios e procedimentos*. Campinas: Pontes Editores, 2015.
- ORLANDI, Eni Pulcinelli. *Discurso e leitura*. São Paulo: Cortez, 2012.
- PECHEUX, Michel. *Semântica e discurso: uma crítica à afirmação do óbvio*. Campinas: Editora UNICAMP, 1988.
- PINHEIRO, Helder. *Cordel na sala de aula*. São Paulo: Duas cidades, 2001.
- POSSENTI, Sírio. *Pelo humor na linguística*. São Paulo: DELTA, 1991.

POSSENTI, Sírio. *Os humores da língua: análise linguística de piadas*. Campinas: Mercado de Letras, 1998.

POSSENRI, Sírio. *Humor, língua e discurso*. São Paulo: Contexto, 2014.

QUIRINO, Jessier. *Agruras da Lata D'água*. Recife: Bagaço, 2012.

QUIRINO, Jessier. *Bandeira Nordestina*. Recife: Bagaço, 2006.

QUIRINO, Jessier. *Berro Novo*. Recife: Bagaço, 2009.

QUIRINO, Jessier. *Paisagem de Interior*. Recife: Bagaço, 2011.

QUIRINO, Jessier. *Papel de bodega*. Recife: Bagaço, 2013.

QUIRINO, Jessier. *Prosa Morena*. Recife: Bagaço, 2001.

SEVERINO, Antonio Joaquim. *Metodologia do trabalho científico*. São Paulo: Cortez, 2007.

TRAVAGLIA, Luiz Carlos. Texto humorístico: o tipo e seus gêneros. In CARMELINO, Ana Cristina (org.). *Humor: eis a questão*. São Paulo: Cortez, 2015.

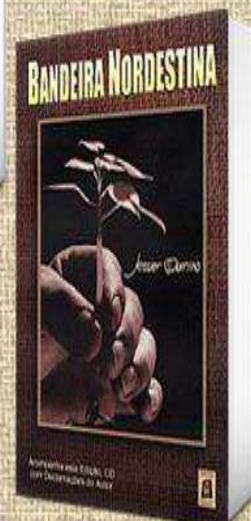
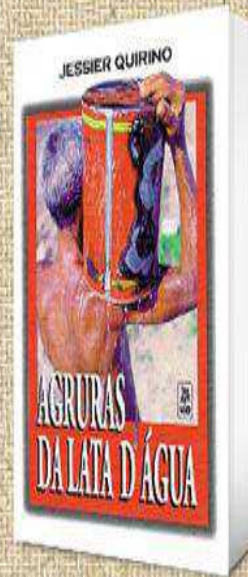
## **APÊNCIDE**

# CADERNO DE ATIVIDADES

# PROPOSTA DE INTERVENÇÃO PEDAGÓGICA

## EM CENA: OS CAUSOS DE JESSIER QUIRINO

Jacira Santana de Sousa





# Oficina I: Um tibungo nos causos

## Objetivos:

- Direcionar a atenção dos estudantes para a literatura popular utilizando o gênero causo.
- Apresentar toda a beleza e encantamento presente neste gênero através da audição, estimulando a prática da escuta de causos.
- Entender por que o texto é engraçado e como o humor é construído linguisticamente.

## Duração: 2 aulas

**Você vai precisar de:** Datashow, notebook, caixa de som, vídeo disponível em [https://www.youtube.com/watch?v=\\_FCqR5-BlvE](https://www.youtube.com/watch?v=_FCqR5-BlvE), tarjetas com comparações.

O causo é o contar de um fato acontecido com alguém. Diferentemente da piada, este tem origem verdadeira, com personagens reais, mas, é notório que, como afirma o poeta e contador de causos Jessier Quirino, é uma verdade melhorada.

Optamos por iniciar as atividades privilegiando a oralidade, porque o causo é contado não somente usando elementos linguísticos, mas também corporais, enfatizando a entonação e trejeitos para melhor compreensão do texto e, por conseguinte, do humor.

Possenti (2014) nos diz que o humor exige inferências. Partindo dessa premissa, acreditamos que a compreensão do humor nos causos será mais eficaz que em outros gêneros, uma vez que o cômico é construído com elementos regionais e interioranos, que fazem parte do ambiente no qual estão inseridos os nossos alunos, o que, portanto, simplificará a sistematização das atividades para que haja entendimento e interação dos alunos entre si e com o gênero abordado.

## PASSO 1: Motivação para o escutar do causo

O professor deverá começar a conversa com algumas perguntas para ambientar os alunos na temática que será abordada. Seguem algumas sugestões:

1. Quem gosta de contar histórias?
------------------------------------

2. E histórias engraçadas? Alguém conhece alguma história engraçada que foi contada por algum conhecido ou alguém da região que vocês moram?

Após essa primeira sondagem, o professor pode apresentar o caso de Jessier Quirino para a turma, citando primeiramente o seu título: **O matuto no cinema!** E em seguida, fazer a predição do texto.

1. O que vem a mente de vocês quando escutam a palavra matuto?
2. E como vocês imaginam que um matuto vai se comportar no cinema?

Esse diálogo inicial com os alunos ocorrerá de forma oral para despertar o interesse e construir hipóteses e o professor deve estar atento às respostas dos discentes para refutar ou confirmá-las após a audição do caso.

**PASSO 2:** Exibição do vídeo: *O matuto no cinema*, Jessier Quirino.

Tempo: 7: 46

Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=FCqR5-BlvE>

Nesse vídeo, Jessier conta a história de um matuto que vai à capital e assiste a um filme legendado no cinema. Ao retornar para sua localidade, ele relata todo o filme, à sua maneira e linguagem para os seus amigos e compadres, de forma que os ouvintes conseguem visualizar e compreender a emoção do filme. Como mostra o texto escrito a seguir:

### **Matuto no Cinema**

E o matuto, rapaz?...

Analfabeto de pai e mãe – e parteira! – e sai do Sertão pra Capital, pra assistir um filme estrangeiro legendado! Quando ele volta pro Sertão, pois ele nun conta o filme todinho?

Ma rapai... Eu fui lá na capitá, rapai. Eu assisti um filme autamente internacioná! Pense num filme internaciná? E tem uma coisa: um filme mafioso! Um filme mafioso! Ói, tinha dois Atista! Tinha um Atista qui sufria e o Atista qui salvava!

Meu cumpade, o Atista qui sufria: pense num cabra corajoso! Rapai, o caba nun



tinha medo de nada não, rapai! Rapaiz, o bandido, o bandido, pirigoso que só buchada azeda, invocado qui só um fiscal de gafeira, séro qui só um porco mijano, tinha um dedo da grussura de um cabo de foimão.

Amarraro o Atista cum imbira. E tem uma coisa: imbira dos Estado Zunido, nun tem quem se solte não, rapai! Amarraro o Atista cum imbira, butaro o caba sentado, à força, numa cadeira. Aí, chegou o Bandido. Butou o dedo na cara do Atista, e disse:

- Nun sei que lá, nun sei que lá, nun sei que lá, nun sei que lá, nun sei o que lá!

Tá pensano que o Atista teve medo, rapai? O Atista, amarrado cum imbira, rapai, teve que uvi tudinho! Mai, muito do tranquili, olhô pra cara do Bandido e disse:

- Nun sei que lá, nun sei que lá, nun sei que lá, o quê, mermão?...

Mai rapaiz, esse bandido inchô feito um cururu no sal, nun sabe? Isfregô o dedo na cara dele assim... e disse:

- Nun sei que lá, nun sei que lá, nun sei que lá, nun sei que lá, seu fila da puta!...

E tu tais pensano que o Atista teve medo? Ô xent!... Amarrado cum imbira, do jeito qui tava, ficô muito do tranquili, olhô assim pu bandido e disse:

- Nun sei que lá, nun sei que lá, nun sei que lá, um carái!...

Mai meu cumpade, esse bandido pegô um á!... Pense numa pegada de á!... Ma rapai, foi uma pegada de á tão muidida do pôico! Aí, puxô uma chibata feita de virola de pineu de caminhão, nun sabe? Mais cumprida do que uma língua de manicure, de-lhe uma chibatada tão aparentada a um coice de besta parida, qui ficou escrito assim, da taba dos quêxo pa o porta-urelha do individuo: **FIRESTONE!**...

Eu sei qui nessa hora, no mêi dos bandido, tinha um, qui era do time do Atista, rapai. Do time da gente, nun sabe? E ele tava camuflado, feito rapariga de pastô. Nun tinha quem discunfiasse, rapaiz. Camuflado lá pur dênto! E ele tinha um relóge puxado pá telefone. Aí, ele foi pum pé de parede, cum o relóge dele, aí, passô o bizu pra Puliça qui tava lá imbaxo. Ele pegô o relóge e disse:

- Nun sei que lá, nun sei que lá, nun sei que lá, nun sei que lá...

Contô tudo à Puliça! A Puliça lá imbaxo, nos carro, uvino tudinho pelo rádio! E a puliça dos Istado Zunido nun se veste de puliça não! Se veste de adevogado! Aí, a puliça, dento dos carro, só feiz pegá o rádio e chamá os carro tudin dos Istado Zunido, rapai!

-- Acunha, acunha, acunha, acunha!... E todos os carro! Acunha qui o negócio é

séro!... Acunha, acunha, acunha...

Ai, os carro acunharo!... E os carro acunharo, acunharo... Ói, era mais carro em cima do préidio, de que romêro em cima de Pade Ciço!

O préidio, rapai, era um préidio grande! Tinha... uns dois ou três andá! Ô era... um Colégio de Frêra, ô era uma Prefeitura. Eu sei que nun tinha quem entrasse. Um préidio todo de vrido, infeitado feito pintiadêra de rapariga, nun sabe? Aí, a puliça: tome corda, tome corda, tome corda, tome corda... Quando a gente pensava qui era a puliça qui ia subi pu fora do préidio, pa salvar o Atista, aí veio o momento mais arripiadô do filme, rapai!

Foi quando chegô o Atista Principal, o Atista Salvadô!... E ele vei nun avião daquele... daquele avião qui tem uma penêra incima, nun sabe? Aí, o avião vei... E o avião nun vuava não, era parado! O avião ficô parado incima da Prefeitura!

Pela capota de vrido, a gente já via o Atista: o Atista forte, cum uns peitão, dois cinturão de bala, uma ispingarda da grussura de um cano de isgôto, rapai. Aí, o Atista ficô assim na porta do avião. Ó o nome do Atista: Arnô Saginégui!... Agora, nun é desses Arnô Saginégui do Sertão, qui dá no cu de todo mundo não! É Arnô Saginégui importado! Ô é da Chequilováquia, ô é da Bolívia, tá intendo?

Eu sei qui o Arnô Saginégui ficô na porta do avião, aí o chofé do avião olhô pra ele e disse:

- Acunhe!... Pode pulá!

Aí, ele pulô lá de cima! Pulô lá de cima, bateu no telhado, furô a laje, bateu memo no lugá aonde o Atista tava preso, cum os bandido. Pegô os bandido tudo disprivinido, cumeno cuscuz cum leite, rapaiz!

Eu sei qui nessa hora, o Atista pegô a ispingarda, disse:

- Nun sei que lá, nun sei que lá, nun sei que lá, nun sei que lá....

Ói, ele matô tudinho!... Aí apareceu mai bandido. Vixe!... E foi briga de sê midida a metro! Ele deu um tabefe no porta-urelha de um caba lá chamado Mané Capado, qui ele bobuleto uns dois palmo e caiu no chão, feito uma jaca mole.

Aí teve um bandido, rapaiz, que omilhô o Atista, com uma dedada aonde as costa muda de nome. Meu cumpade, êsse home, ofendido na região glútia, virô uma fera! E, entre a rapidez da dedada e imediatidade do êpa, deu-lhe um berro nas oiça do sujeito, qui iscurrêgô na froxura e caiu sentado!

Nessa hora, meu cumpade, o Atista partiu pra cima dele, com o gênio de cento e

cinquenta siri dento numa lata de querosene, deu-lhe um supapo no serrote dos dentes, que choveu canino, molar e incisivo por três dias no Sítio Boca Funda!

Ai, nessa hora, meu cumpade, o Bandido Principal saiu num derrapo de velocidade! Aí, o Atista deu-lhe um chuvaréu de bala, meu cumpade, qui a gente teve que se abaixar dentro do cinema! Aquelas letrinha qui passa lá no filme... Ele derrubô umas cento e quarenta! E eu ainda peguei umas quatro. Tá aqui, pra você vê!...

**Fonte:** Disco Paisagem do Interior I - Faixa 13 Jessier Quirino

Após a exibição do causo, o professor deve fazer alguns questionamentos orais para guiar a discussão; sugerimos:

1. Qual é a característica principal do matuto apresentada neste vídeo?
2. O contador do causo afirma que o matuto em questão é analfabeto de pai, mãe e parteira. Como ele consegue contar um filme legendado?
3. De onde vem a sabedoria do matuto?

É importante que o professor chame a atenção dos alunos para o fato de o matuto não ser uma pessoa específica, mas um estereótipo, uma representação, o que é extremamente comum, em textos do gênero humorístico. Possenti (2014) já afirma: “a identidade é representada através de estereótipos”. Portanto, neste momento da atividade, vale desmistificar a ideia de que o matuto é um ser desprovido de conhecimento.

### **PASSO 3:** Identificando o humor no texto

Neste momento, a partir do causo ouvido pelos alunos, o professor chamará a atenção para um elemento característico do causo, o humor. Este é construído nesse gênero por meio de vários artifícios, e deve ser papel da escola o desenvolvimento da habilidade de identificar o(s) elemento(s) que é/são responsável(is) para a criação do cômico no texto. Para tanto, o professor deve guiar a discussão, continuando com o seguinte questionamento:

Qual (is) a (s) parte (s) do causo que vocês consideraram mais engraçada (s)? Por quê?

Após a resposta dos alunos, é necessário um retorno ao vídeo para confirmarem os elementos do risível. Eles deverão observar se os momentos em que a plateia gargalha coincidem com o que elegeram cômico.

Possivelmente, os momentos de riso da plateia e o dos estudantes serão os mesmos. Percebe-se que todos acham engraçado o momento em que o contador do caso utiliza comparações para enfatizar determinadas situações. Para estas comparações, ele utiliza expressões regionais e típicas da oralidade. Outros recursos também são responsáveis pelo humor, como o uso de adjetivos inusitados, hipérbolos e o uso de palavras.



Como já foi mencionado no aporte teórico, na Teoria geral do humor verbal, de Raskin, o cômico surge na passagem de um script para o outro, de uma situação para a outra. Esta passagem é ativada, segundo o autor, através dos gatilhos, que são os elementos linguísticos responsáveis pelo inesperado que causam o riso.

Analisaremos, no caso em questão, as comparações como elementos acionadores do gatilho do humor. Para isso, sugerimos os seguintes passos:

1. O professor deve dividir os alunos em grupos de três e entregar a cada grupo tarjetas, preparadas previamente, com as comparações utilizadas no caso. (A divisão dos grupos pode variar de acordo com o número de alunos da classe).
2. O professor explicará que cada grupo analisará a sua expressão comparativa, atribuindo-lhe sentido, explicando o porquê de ter sido utilizada no caso.
3. Refletirão sobre a pergunta: Se a comparação utilizada fosse formal, teria a mesma graça? É importante que o professor oriente os alunos a sistematizar as suas respostas através da escrita, uma vez que além de praticar o letramento, facilita a socialização das ideias dos trios.
4. Com a turma disposta em círculo, os grupos apresentarão suas conclusões e o professor fará as intervenções necessárias, complementando as ideias dos alunos. Uma sugestão é que os alunos escrevam suas conclusões no verso na tarjeta para fazer parte do material utilizado na exposição final de culminância das oficinas.

## TARJETAS COM AS COMPARAÇÕES UTILIZADAS NO CAUSO.

1. Bandido perigoso que só buchada azeda.

2. Invocado que só fiscal de gafeira.

3. Sério que só um porco mijando.

4. Esse bandido cresceu feito um cururu no sal.

5. Deu-lhe uma chibatada tão aparentada a um coice de besta parida.

6. Disfarçado feito rapariga de pastor.

7. Era mais carro em cima do prédio do que romeiro em cima de padre Cícero.

8. Caiu no chão feito uma jaca mole.

## Oficina 2: “Jessier Quirino: arquiteto por profissão, poeta por vocação, matuto por convicção”.



**Duração:** 3 aulas

**Você vai precisar de:** Datashow, caixa de som, documentário disponível em <https://www.youtube.com/watch?v=D8d1F9ml9H0>, texto impresso com informações sobre o autor.

### **Objetivos:**

- Conhecer o poeta contador de causos, Jessier Quirino;
- Compreender as características do causo e o seu contexto de produção;
- Estimular o trabalho com o eixo da oralidade em sala de aula;
- Identificar, nos textos, as principais características do gênero humorístico.

“Nem sempre é possível dizer na palavra escrita aquilo que se realiza no discurso oral”, disse-nos Raimundo Carrero ao redigir o prefácio da obra *Bandeira Nordestina* (2006), do poeta e contador de causos Jessier Quirino. É um verdadeiro desafio, por isso, nesta oficina, abordaremos atividades que privilegiam a oralidade, vertente que, por vezes, é

esquecida na sala de aula ou vista como de menor importância. Todavia, sabemos e daremos o reconhecimento merecido ao gênero que apresentam toda a sua magnitude na oralidade: o causo.

Jessier Quirino, paraibano de Campina Grande, escreve e recita causos e poesias cuja temática é a beleza interiorana e brejeira, a esperteza sutil do matuto e os fatos jocosos do dia a dia nesse contexto. Reside atualmente em uma cidade interiorana do estado da Paraíba, Itabaiana, e realiza seus recitais por todo o Brasil, revelando-nos que temos muito o que aprender com o matuto sertanejo.

PASSO 1: Jessier por Jessier: conhecendo o contador de causos e a sua produção (1 aula)

1. Exibição do vídeo: Jessier Quirino, documentário UFPB.

Tempo: 18: 01

Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=D8d1F9ml9H0>

O documentário de Simone Almeida e Sabrina Gomes apresenta o poeta e contador de causos, Jessier Quirino, pela ótica de pessoas da cidade, como amigos, historiadores, cordelistas, repentistas e personalidades que aparecem em seus causos a exemplo de seu Zé Galêgo, o dono da bodega. Todavia, não exhibe apenas esta visão, apresenta-nos o próprio Jessier falando do arquiteto por formação e do arquiteto da poesia. Ele narra episódios de sua infância e juventude, do mesmo modo que relata as suas experiências como prestador de atenção para a composição das suas poesias e causos.

2. Depois da exibição do vídeo, o professor deve ressaltar para os alunos que o documentário apresenta o poeta e contador de causos, bem como o seu contexto de produção. Deve ainda estimular a compreensão do vídeo fazendo questionamentos como os seguintes:

- Quais são as características do contador de causos?
- Segundo o escritor, como ele produz o seus causos?

3. Após a discussão, o professor lerá com a turma o texto que introduz o livro Paisagem de Interior (2011), no qual Jessier Quirino apresenta-se com a linguagem interiorana utilizada em seus causos, provocando emoção e, às vezes, até riso, fato que prenderá a atenção dos alunos

diante da extensão do texto. Em seguida, os alunos falarão suas impressões sobre o gênero causo e o contador Jessier. Essa atividade é importante para praticar e incentivar a leitura pelos professores e alunos em sala de aula. Após a experiência com o documentário, gênero oral, eles terão oportunidade de ampliar seus conhecimentos sobre o autor em questão com um texto escrito. Segue o texto:

### Introdução

Sendo o quarto filho homem de Seu Quirino e Dona Pompéia, fui “jerimum de ponta de rama” de 1954 a 1963, quando nasceu Vitória, minha irmã caçula. Tímido e acabrunhado, quando criança, obedecia às ordens superiores dos manos Quirinus, Léo e Lamarck e, ainda por cima, herdava: calça velha com abanhado novo, livros dos anos passado e retrasado, sapato arranhado, cinturão de beira quebrada e aquela camisa *volta ao mundo* novinha que sempre cabia no irmão caçula.

Na adolescência, já estudando à noite, a timidez me deixava a léguas da rapaziada bem mais velha, cheia de valentia, esperteza, bebedices e raparigagens, comuns no terceiro turno do Pio XI e na Campina Grande da época. Hostilizando com gracejos, cocorotes, petelecos e apelidado de *cabeção*, saquei a arma que me fez poeta. Os versos engraçados de domínio público e de poetas populares, impregnados de valentia, esperteza e putaria, declamados com graça, inflexão e traquejo que me deixavam em pé de igualdade, respeitado e protegido pelos barbudos colegas. Juntando a necessidade de sobreviver na selva escolar e o interesse que sempre tive pelas coisas do Nordeste, além da herança e estímulo poético que tive de meu pai, terminei camuflando a timidez com minha própria poesia. O que prova que nem tudo que rela é relativo, nem toda verdade é absoluta. Absoluta mente.

Emburaquei nas tripas do continente nordestino ainda menino, quando ouvia os bemóis das cantorias que a Rádio Borborema “violava” antes da Ave-Maria, bem na hora que os meninos chegavam da escola de Dona Bazinha. Tempo do medo da injeção na bunda aplicada por Dona Bilinha, dos banhos de açude de Seu Euclides, das pescas de guaru no canal de Chico Quirino, da procura da bola no capinzal de Arthur Freire, da nanica colheita de gogóia, erva-moura e melão-de-são-caetano, dos safaris de calango, rola-bosta, adivinhão, pintassilgos e lavadeiras. Tempo em que papel pautado da prova cheirava a sabonete Lifebuoy e Eucalol e as colônias Royal Briar e Cashmere Bouquet, que vinha da vitrine de imbuia, cercada de tamboretas de aroeira da venda de Seu Nilo. Tempo do som de Zé



Américo anunciando o jogo do Treze e Campinense ou acirrando o fanatismo político na campanha de Newton Rique x Seu Cabral, “Mão de Seda x Pé de Chumbo”.

Das brincadeiras com Ciço Galinha, Pedo da Baixa, Paulo Mocó, Lulu, Bebê, Mala Veia, Aurelinho, Bilingo e Doutor. Tempo em que se assistia aos filmes de Maciste e Ivanhoé e descia a ladeira do Lapa montado num pirulito com os bolsos cheios de gibi e com os peitos cheios de razão. Tempo em que nem as rádio-novelas *O Flama e Jerônimo* “*O Herói do Sertão*”, nem seriados *Bonanza e Rim-tim-tim* seguravam a gente na cadeira quando descia uma boiada com destino ao Monte Santo. E santo, era o Santo Dia da Novena de N. S. do Perpétuo Socorro na igrejinha de Bodocongó, onde eu via o povo contrito com muriçocas sobre as cabeças, e me dispersava com brilho prateado do terço de mamãe. Era o tempo em que eu encantava com fonte luminosa da Praça Clementino Procópio e pilotava um dos jipes de madeira do carrosselzinho de Maria do Tiné, que rodopiava ao lado dos Decavê e Simca Tufão no oitão do Cine Capitólio.

O privilégio de ter sido criança no interior do Nordeste e de ser devoto da sabedoria e da simplicidade do matuto sertanejo fez com que eu me tornasse um *prestador de atenção* das coisas do mato. Admirador dos mestres Catulo, Patativa, Zé da Luz, Renato Caldas, entre outros, e amante da redondura do forró, do coco e do arrasta-pé, biritá que me acompanha desde os tempos em que afinei os ouvidos musicais no forró de Zé Lagoa.

Mergulhei mais fundo nas mares da matutice, num longo período em que o Sertão de Jericó, Catolé do Rocha, Brejo do Cruz e mundo a baixo, me hospedou com fartura, “sorridão” e calor. Conheci: do Arrubação ao peido carretilha, do requifite do pavão ao coice do preá, do róseo do muçambê ao mosqueiro preto da cozinha. Tudo isso ao som de muita prosa, muita reza, causos e mal-assombros cheios de nordestinismos.

Soltei meus matos nos pavimentos do Recife e de João Pessoa em busca das formas, cores, milímetros e centímetros da Arquitetura, tendo o destino amigo me jogado nos braços de uma cabocla de raça nova, da terra de Zé da Luz, que também *arquitetava* e respirava o *mesmo Ar, Que Ternura!* Com as matutas manias que eu tenho de matutar, *itabaianeime* às margens do Paranoá versejando projetos e projetando versos...

A filha de Itabaiana, terra de Zé da Luz, deu à luz, deu a luz, deu a luz, e deu a luz: um clarão na minha vida. Minha Doró, meu Diego, Vitor e Matheus e minha Marcela Lá-Lá-

Lá, vocês são a mistura do bem que o amor me faz com o amor que meu bem me traz.

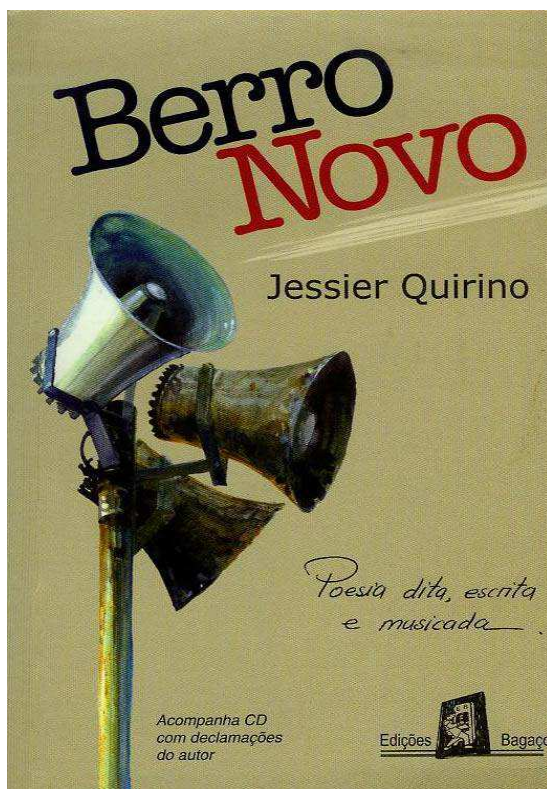
A tudo e a todos, dedico estas aconteças matutas...

*Itabaiana PB, Junho de 1996*

*Jessier*

Ao final da aula, o professor deverá sugerir aos alunos que procurem escutar algum caso contado por alguém da sua comunidade e se possível, trazer gravado ou escrito para apresentar na próxima oficina.

PASSO 2: Bora contar! Ôxe, bora! (duas aulas)



É imprescindível que a oralidade e a escrita sejam tratadas com igual relevância na sala de aula. Entender a funcionalidade de cada vertente em contextos diversificados é fundamental para que o equilíbrio desejado possa emergir.

Este é o momento de incentivar a contação de casos pelos alunos. O professor deve organizar a sala em círculo e iniciar contando um recorte do caso *Pau de fuxico*, que se encontra na abertura do livro *Berro Novo* (2009).

O caso relata o encontro de Jessier Quirino com um fã em um posto de gasolina chamado Papai Noel, no Cariri do Ceará, quando foi cortar caminho em uma das suas andanças para os seus recitais. O inusitado, neste caso, fica por conta da familiaridade do matuto com a tecnologia.

### Pau de Fuxico

Aqui estão as poesias que não me deixam mentir. Em quase todo canto que eu chego, encontro uma pessoa, de emoção em punho, pedindo que eu continue zelando por nossas miudezas; sejam elas do presente ou do passado. Por miudezas, entendam-se nossos erros, traquinagens, palavras baldias, causos, lembranças, textura, cor e cheiro das catrevagens nordestinas.

Foi assim, que, agora em 2009, durante uma viagem que fiz para espetáculos no Crato e Juazeiro de padre Ciço, ao pedirmos uma informação sobre o trajeto na estrada, fomos encaminhados a um encontro com um fã: “O senhor vai em frente, quando chegar lá em Papai Noel, pegue à direita e vai encurtar tantos quilômetros...” De cara, gostei do nome do lugar, que, na realidade, é derivado de um ponto comercial que tem o sugestivo nome de Papai Noel do Norte, e fica a alguns quilômetros do município de Milagres- CE. Pois, exatamente ali, num posto de beira de estrada, que fui reconhecido e medalhado por um funcionário que se disse fã número 1, e me pediu autógrafo e tudo mais. Em formato de Django do Cariri, sacou o celular da cintura e, clik! Registrou uma chapa nossa, acentuando o dedo polegar empinado em formato de “tudo legal”. Depois de cutucar os pitocos do aparelho, conferiu a foto e disse em bom informatiquês que poderia botar no meu *blutuf*. Eu, no pé da fivela, disse de Durango Kid: Êpa, rapaz, bote no seu! [...]

QUIRINO, Jessier. Berro Novo- Recife: Bagaço, 2009.

Em seguida, o professor convida as duplas a apresentarem os seus causos que podem ser em vídeo, áudio ou escrito.

Após o momento de conhecimento e deleite ouvindo causos, o professor deve orientar as duplas a analisarem os elementos que tornam o caso, trazido por eles, engraçado. É importante que os alunos registrem suas análises de forma escrita para facilitar a socialização em momento posterior. Como não se pode prever os causos que os alunos trarão, o professor deve estar atento para auxiliar os alunos a identificarem os elementos causadores do humor.

O professor deve lembrar que o texto humorístico está pautado em dois scripts e que pertence a vertente de textos que buscam o imprevisível, o inusitado para construírem a graça. Estão em um patamar “não confiável”, como afirma Travaglia (2015). O momento jocoso gira em torno de elementos linguísticos e de contexto social. Em alguns episódios, o não dito nos causos, torna-se o elemento do risível.

A seguir, apresentamos uma tabela com algumas possibilidades de elementos do risível:

Expressões regionais	Hipérboles
Arcaísmos	Comparações
Neologismos	Eufemismos
Adjetivos inusitados	Palavrões
Sinonímia	Homonímia
Antonímia	Paronímia
Hiperonímia	Hiponímia

Ao término das análises, as duplas devem fazer a socialização das suas considerações sobre as sutilezas do humor presentes nos causos estudados. O professor pode fazer as intervenções, quando necessárias, para assegurar a efetivação dos conceitos.

## Oficina 3: Paisagem do Interior

**Duração:** 4 aulas

**Você vai precisar de:** Datashow, notebook, caixa de som, vídeos disponíveis em

[https://www.youtube.com/watch?v=geB3yCT\\_-bk](https://www.youtube.com/watch?v=geB3yCT_-bk);

<https://www.youtube.com/watch?v=3FCKtFPxGsI>;

<https://www.youtube.com/watch?v=LyMMvyybjWQ>;

### **Objetivos:**

- Apresentar aos alunos o universo no qual os causos são originados;
- Reconhecer o espaço e os elementos que integram o mundo do matuto.

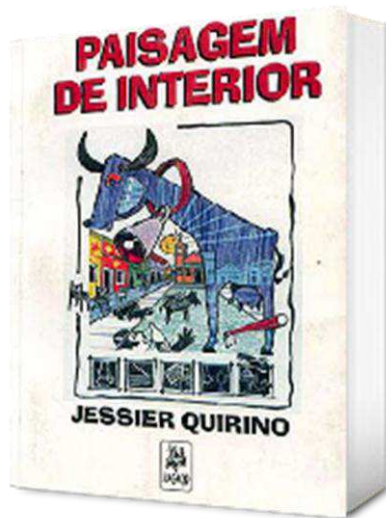
### **PASSO 1:** “Isso é cagado e cuspidado paisagem de interior”

Para introduzir a temática desta oficina, o professor deve exibir o vídeo com o poema “Isso é cagado e cuspidado paisagem do interior” do poeta e contador de causos, Jessier Quirino, disponível em: [https://www.youtube.com/watch?v=geB3yCT\\_-bk](https://www.youtube.com/watch?v=geB3yCT_-bk), com duração de 4:42.

O poema retrata as amenidades corriqueiras da vida interiorana. Descreve os ambientes e fatos, ora com lirismo, ora com saudosismo, ora com humor, mas sempre ressaltando a beleza e a alegria dos elementos interioranos, arrematando sempre com o mote: isso é cagado e cuspidado paisagem de interior.

Segue o texto:

*Isso é cagado e cuspidado paisagem de interior*



Matuto no mêi da pista  
menino chorando nu  
rolo de fumo e beiju  
colchão de palha listrado  
um par de bêbo agarrado  
preto véio rezador  
jumento jipe e trator  
lençol voando estendido  
isso é cagado e cuspidado  
paisagem de interior.

Três moleque fedorento  
morcegando um caminhão  
chapéu de couro e gibão  
bodega com surtimento  
poeira no pé de vento  
tabulêro de cocada  
banguela dando risada  
das prosa do cantador  
buchuda sentindo dor  
com o filho quase parido  
isso é cagado e cuspidado  
paisagem de interior.

Bêbo lascando a canela  
escorregando na fruta  
num batente, uma matuta  
areando uma panela  
cachorro numa cadela  
se livrando das pedrada  
ciscador corda e enxada  
na mão do agricultor  
no jardim, um beija-flor  
num pé de planta florido  
isso é cagado e cuspidado  
paisagem de interior.



Mastruz e erva-cidreira  
debaixo dum jatobá  
menino querendo olhar  
as calça da lavadeira  
um chiado de porteira  
um fole de oito baixo  
pitomba boa no cacho  
um canário cantador  
caminhão de eleitor  
com os voto tudo vendido  
isso é cagado e cuspidado  
paisagem de interior.

Um motorista cangueiro  
um jipe chêi de batata  
um balai de alpercata  
porca gorda no chiqueiro  
um camelô trambiqueiro  
avelós e lagartixa  
bode véio de barbicha  
bisaco de caçador  
um vaqueiro aboiador  
bodegueiro adormecido  
isso é cagado e cuspidado  
paisagem de interior.

Meninas na cirandinha  
um pula corda e um toca  
varredeira na fofoca  
uma saca de farinha  
cacarejo de galinha  
novena no mês de maio  
vira-lata e papagaio  
carroça de amolador  
fachada de toda cor  
um bruguelim desnutrido  
isso é cagado e cuspidado  
paisagem de interior.

Uma jumenta viçando  
jumento correndo atrás  
um candeeiro de gás  
véi na cadeira bufando  
radio de pilha tocando  
um choriço, um manguzá  
um galho de trapiá  
carregado de fulô  
fogareiro abanador  
um matador destemido  
isso é cagado e cuspidado  
paisagem de interior.

Um soldador de panela  
debaixo da gameleira  
sovaqueira, balinheira  
uma maleta amarela  
rapariga na janela  
casa de taipa e latada  
nuvilha dando mijada  
na calçada do doutor  
toalha no aquarador  
um terreiro bem varrido  
isso é cagado e cuspidado  
paisagem de interior.

Um forró de pé de serra  
fogueira milho e balão  
um tum-tum-tum de pilão  
um cabritinho que berra  
uma manteiga da terra  
zoada no mêi da feira  
fachada na gafieira  
matuto respeitador  
padre, prefeito e doutor  
os home mais entendido  
isso é cagado e cuspidado  
paisagem de interior.

QUIRINO, Jessier. *Paisagem de Interior*. Recife. Edições Bagaço, 2011



O professor deve organizar a exibição do vídeo com a declamação do texto e logo após deve incentivar os alunos a mostrar suas impressões, começando com os seguintes questionamentos:

1. Que paisagem do interior apresentada no poema chamou sua atenção?
2. Dos elementos que fazem parte da paisagem do interior mostrados no poema, quais você conhece? Ou faz parte de sua realidade?
3. No poema, há alguma expressão que você desconhece?
4. No início do recital, Jessier Quirino explica a origem da expressão “cagado e cuspidor”. Você conhece a expressão? Já ouviu alguém usá-la?

Neste momento de socialização de informações, o professor deve ressaltar que o texto é composto por verso, logo, trata-se, estruturalmente, de um poema. No entanto, é um poema descritivo com elementos do narrar, escolhido, por isso, para retratar o ambiente do matuto e apresentar a origem dos causos. Para que os alunos percebam essa característica, o professor pode disponibilizar para eles o texto impresso para eles acompanharem durante audição.

Um dos ambientes em que os causos acontecem é a venda, a bodega, e esta é a paisagem do interior que será retratada no próximo texto, *Parafuso de cabo de serrote*, Jessier Quirino, disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=3FCKtFPxGsI>, com duração de 3:39.

Esse texto descreve uma bodega bem surtida, típica do interior, onde se encontra de tudo. Doces, perfumes, querosene, até um parafuso de cabo de serrote. Vejamos:

*Parafuso de cabo de serrote*  
Jessier Quirino



Tem uma placa de Fanta encardida  
A bodega da rua enladeirada  
Meia dúzia de portas arqueadas  
E uma grande ingazeira na esquina  
A ladeira pra frente se declina  
E a calçada vai reta nivelada  
Forma palmos de altura de calçada  
Que nos dias de feira o bodegueiro  
Faz comércio rasteiro e barateiro  
Num assoalho de lona amarelada.



Se espalha uma colcha de mangalho:  
 É cabestro, é cangalha e é peixeira  
 Urupema, pilão, desnataadeira  
 Candeeiro, cabaço e armador  
 Enxadeco, fueiro, e amolador  
 Alpercata, chicote e landuá  
 Arataca, bisaco e alguidar  
 Pé de cabra, chocalho e dobradiça  
 Se olhar duma vez dá uma doidiça  
 Que é capaz do matuto se endoidar.

É bodega pequena cor de gis  
 Sortimento surtindo grande efeito  
 Meia dúzia de frascos de confeito  
 Carrossel de açúcar dos guris  
 Querosene se encontra nos barris  
 Onde a gata amamenta a gataiada  
 Sacaria de boca arregaçada  
 Gargarejo de milhos e farelos  
 Dois ou três tamboretas em flagelo  
 Pro conforto de toda freguesada.

No balcão de madeira descascada  
 Duas torres de vidro são vitrines  
 A de cá mais parece um magazine  
 Com perfume e cartelas de Gillete  
 Brilhantina safada, canivete  
 Sabonete, batom... tudo entrepado  
 Filizolla balança bem ao lado  
 Seus dois pratos com pesos reluzentes  
 Dá justeza de peso a toda gente  
 Convencendo o freguês desconfiado.

A Segunda vitrine é de pão doce  
 É tareco, siquilha e cocorote  
 Broa, solda, bolacha de pacote  
 Bolo fofo e jáú esfarofado  
 Um porrete serrado e lapidado  
 Faz o peso prum março de papel  
 Se embrulha de tudo a granel  
 E por dentro se encontra uma gaveta  
 Onde desembainha-se a caderneta  
 Do freguês pagador e mais fiel.

Prateleiras são tábuas enjanbradas  
 Com um caibro servindo de escora  
 Tem também não sei qual Nossa Senhora  
 Com um jarrinho de louça bem do lado  
 Um trapézio de flandres areados  
 Um jirau com manteiga de latão  
 Encostado ao lado do balcão  
 Um caneiro embicando uma lapada  
 Passa as costas da mão pelas beijadas  
 Se apruma e sai dando trupicão.

Tem cabides de copos pendurados  
 E um curral de cachaça e de conhaque  
 Logo ao lado se vê carne de charque  
 Tira gosto dos goles caneados  
 Pelotões de garrafas bem fardados  
 Nas paredes e dentro dos caixotes  
 Tem rodilha de fumo dando um bote  
 E um trinchete enfiado num sabão  
 Bodegueiro despacha a um artesão  
 Parafuso de cabo de serrote.



Após a exibição do vídeo, o professor partirá para o texto impresso que os alunos têm em mãos e pede para que identifiquem possíveis termos que desconheçam. Diante disso, eles terão oportunidade de, a partir da socialização, enriquecer o vocabulário.

Nesse instante, o professor direcionará a atenção dos alunos para o título, com o intuito de instigá-los a perceber o porquê de “parafuso de cabo de serrote”. Espera-se que eles cheguem à conclusão de que a bodega tem de tudo, inclusive, objetos difíceis de encontrar como o tal parafuso.

O professor pode fazer ainda uma comparação da bodega do interior com um supermercado moderno e enfatizar que, mesmo com toda a sua simplicidade, a bodega atende as necessidades dos moradores, com a vantagem de ter tudo o que precisam no mesmo espaço.

Para concluir esse passo, sugerimos que o professor solicite aos alunos a produção de um texto: o anúncio publicitário. O professor orienta as duplas a escolherem os produtos que serão anunciados tanto na bodega, quanto no supermercado. Em seguida, os alunos devem pensar e escolher a maneira como produzirão este anúncio, se na forma de panfletos, cartazes, faixas. Ou ainda se preferirem, podem optar por produzirem um anúncio para ser divulgado via rádio, no pau de fuxico.

## PASSO 2: “ E onde foi?”

Depois de se familiarizarem com a logística da bodega, os alunos devem retomar os casos trazidos por eles na oficina anterior para que identifiquem neles o espaço em que o caso acontece e os fatos se desenvolvem. O professor deve orientar as duplas nessa identificação

Para o momento da socialização da atividade, sugerimos que o professor construa a seguinte tabela para sistematizar as respostas das duplas:

CAUSO	ESPAÇO/AMBIENTAÇÃO

Para finalizar a oficina Paisagem de interior, o professor convida os alunos a assistirem a mais um caso de Jessier Quirino, *A bodega de Zé Galego*, com duração de 4:39, disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=LyMMvvybjWQ>. Nesse caso, o escritor conta a história das pessoas que vão à bodega de Zé Galego beber etílico. Inicia com o matuto que pede uma dose de cachaça para começar o dia, ao meio dia, temos o grupo da cerveja e no finalzinho da tarde, o grupo que faz um racha de moedas para comprar uma meota e tirar gosto com uma pitomba.

## Oficina 4: O que cabe numa palavra!

**Duração:** 4 aulas

**Você vai precisar de :** Datashow, caixa de som, vídeos disponíveis em [https://www.youtube.com/watch?v=Di4Hd\\_o-p0I](https://www.youtube.com/watch?v=Di4Hd_o-p0I) <https://www.youtube.com/watch?v=szmuQo4sFtE> e tarjetas para o jogo de perguntas e respostas.

### **Objetivo:**

- Discutir como os discursos implícitos nos casos de Jessier Quirino contribuem para a construção do humor a partir de elementos linguísticos.

**PASSO 1:** Exibição do caso *Doce de leite de caroço* de Jessier Quirino, disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=szmuQo4sFtE>, com duração de 5: 50.

Nesse passo, o professor deve organizar o momento para que os alunos assistam ao vídeo do caso *Doce de leite de caroço* de Jessier Quirino, no qual o narrador conta o que aconteceu com um amigo que saiu do sertão para estudar na capital e que, certa vez, seus professores da pós-graduação se interessaram em conhecer a plantação de melão da fazenda de seu pai. O pai, envaidecido, diz que será um prazer receber os professores educados. O coronel manda preparar o que chama de “um almocinho simples”, mas com uma sobremesa muito especial, doce de leite de caroço. O caso apresenta o seu ápice quando aparece um problema de etiqueta. Vejamos:

## Doce de leite de caroço

Jessier Quirino

Ricardinho que foi estudar na capital conversa com o coronel, seu pai:

\_\_ Papai, os professores estão querendo vir aqui no sertão conhecer a sua propriedade.

Ele disse:

\_\_ Traga meu, fi. Traga seus professor que seu pai fica sastifeito! Porque meu fi, já é doutor Ricardo, meu fi já é graduado, pós graduado, meu fi é um doutor de duas largura. Traga seus professor que seu pai fica sastifeito. E nois vamo fazer um armoço pra agradar seus professor que são educado. Eu vou pedir a sua mãe pra fazer uma perua Jandaia de primeira postura torrada numa panela de ferro fundido numa fogueira de lenha de Angico, que é o melhor armoço que nos pode dar pros seus professor que são educado. Agora, pra não ficar só na perua, a gente faz um jerimunzinho com bode, ova de curimatã, xerém com graça e cebola, doce de banana anã, um prato de farofa d'água com coentro e cebola roxa; do frango de capoeira: moela, pescoço, coxa. Cerveja com tripa assada, com mão de vaca, buchada, gororoba, rubacão, já tá me dando um desejo de fornear um leitão, tomar uns quatro pifão e receber seus professor que é uma sastifação , meu fi. É sastifação pro seu pai. Agora pra não ficar só na perua, a gente faz também uma sobremesa do gosto de seu pai. Você vai permitir.

\_\_E o que é, papai?

\_\_Ricardinho, eu vou pedir a sua mãe pra fazer uma turrina de doce de leite de caroço, que é o melhor doce de leite que existe no mundo! Vou mandar azedar o leite , pra fazer aquele doce que fica se amoegando um no outro , uma nata fica se amoegando uma na outra e é o melhor doce de leite do mundo. Pronto! A gente serve essa perua Jandaia, serve essa turrina de doce de leite de caroço, pronto! Quando acabar o armoço a gente serve uma bacia de seriguela gelada. Num precisa mais nada! Num precisa mais nada, nada, nada! Um armoço simples pra receber seus professor que são educado.

Aí, chega o dia do almoço, o velho está na cabeceira da mesa, os professores de um lado, os filhos do outro e a dona da casa, dificilmente senta! Na verdade, a dona da casa gosta de administrar o almoço. Ela tem aquela coisa de administrar.

\_\_Mamãe! Mamãe! Sente aqui, olha os professores!

\_\_Não, Ricardinho. Daqui a pouco eu sento! Vá comendo...

\_\_Mamãe, sente aqui!

\_\_Daqui a pouco eu sento! Vá comendo aí.

Ela bota um avental e fica assim.

\_\_Menino, você não comeu nada! Nada, nada, nada. – E empurra comida no prato. Se você não comer é uma desfeita!

E está o almoço rolando e daqui a pouco ela diz:

\_\_Luis! Ô Luis!

\_\_Que é, Zefinha!

\_\_ Vem cá , Luís!

\_\_ Zefinha, nós tamo se servindo.

\_\_ Vem cá, homi de Deus! Que nós tamo com um problema de etiqueta por conta dos professor educado!

\_\_ O quê, Zefinha?

\_\_ É o teu doce de leite.

\_\_ Num tem não, é?

\_\_Tem !!!! Mas, o problema é de etiqueta porque nós só temo seis pire. E como é que nós vamo servir esse doce de leite. Boto os seis pire pros povo que são educado E os daqui, como nos prato?

\_\_ Não! Não! Não! Não! Aí fica fei, Zefinha!

\_\_ Então! Pobrema de etiqueta! Eu boto nos pirizinho de café pequeno?

\_\_ Não, Zefinha! Aí é pouco doce! Probema de etiqueta, Zefinha! Ô Zefinha, praquê tu num avisasse, Zefinha! Que nós tinha ido na feira comprar um garajau de pire.

Eu sei que o velho fica naquele negócio e daqui a pouco:

\_\_ Vamo simbora! Vamo fazer o seguinte: a mesa todinha come nos seis pire. Bota primeiro pros professor educado, depois bota pra família e a gente laiga o pau a conversar. Porque os professor vão terminando e vai dano tempo de lavar os pire e voltar pra família de casa. Então a mesa todinha come nos seis pire. Vamo simbora!

E o velho voltou pra mesa. Daqui a pouco, chega a mulher:

\_\_ Minha gente, agora um docezinho de leite de carço!

\_\_ Afe Maria, Ricardinho! Vou quebrar a dieta. – Diz a professora .- Vou quebrar a dieta!

E o velho com água na boca. E diz:

\_\_ Adeilde! Ô Adeilde! Me dar um prato de sopa pra mim, um prato de sopa pra mim. Só pra mim! O que é, Zefinha? O que é, Zefinha! Que etiqueta! Os professor sabe que nos somo sertanejo! Deixa, Adeilde ! Ó a cara de Zefinha! Etiqueta! Etiqueta!!! Eu espero o meu pire. Eu espero! Eu espero!

O velho ficou lá, aborrecido, esperando o pire dele. Daqui a pouco, a professora do lado dele pega o pires dela:

\_\_ Menina! Esse doce de leite é bom demais! Huuummm! Uma delícia! Uma delícia esse doce! Oxente, seu Luis! E o senhor não gosta, não?

\_\_ Afe Maria!!! Eu do o cu por um pire desse, professora!



Ao término da exibição do causo, é hora de os alunos mostrarem suas impressões sobre o texto e o professor pode iniciar com os seguintes questionamentos:

1. Qual é o momento mais engraçado do causo? O que causa o riso?
2. O que o coronel quis dizer ao usar tal expressão?

Após escutar as impressões dos alunos sobre o caso e sobre o elemento surpresa no seu desfecho, é importante que o professor faça algumas considerações a respeito do uso do palavrão dentro daquele contexto. Enfatizar que o coronel, todo o tempo, quis manter a etiqueta na presença dos professores educados do filho, mas o pai, no caso, a falta dele, o fez esquecer a elegância vocabular e naturalmente, utilizou um termo que foi libertador diante da situação aprisionadora de etiqueta.

Depois dessa conversa pontual, o professor convida os alunos a ouvirem, segundo Jessier Quirino, o que é de fato um palavrão através do caso de “*Pedro Corninho*”.

**PASSO 2:** “ Fome: isso é um palavrão pra lascar!”

O caso nos mostra a matutice na sua versão mais genuína. Entre caminhadas políticas e inaugurações de obras de prefeitura, aparece a pessoa de Pedro Corninho, o faz de tudo. Dona Inacinha, primeira dama, foi agraciada com um dos serviços deste matuto. Destacamos o humor na sutileza da fala de Pedro Corninho ao tentar dizer a dona Inacinha que não deseja ser remunerado pelo feito.

Sugerimos utilizar o caso indicado no link [https://www.youtube.com/watch?v=Di4Hd\\_o-p0I](https://www.youtube.com/watch?v=Di4Hd_o-p0I), com duração de 4:13, pois há uma contextualização do poeta e contador de casos, a respeito do uso do palavrão/nome feio, em seus textos. Ele demonstra que são empregados como recurso linguístico para a criação do inusitado e como gatilho para o humor, antes do caso propriamente dito.

Segue o texto:

### **Pedro Corninho**

Jessier Quirino

Dona Inacinha, a primeira dama, e o prefeito inaugurando um grupo escolar.

No caminho, Dona Inacinha torceu o pé e quebrou o salto do sapato. A primeira providência foi procurar “Pedro Cornim”. Pedro Corninho é desses funcionários que trabalham pro prefeito. Quem trabalha em órgãos públicos e assessorias políticas sabe que nessas assessorias tem vinte e três que trabalham e três que produzem, o resto ficam só prestando atenção aquela coisa toda e ganhando os créditos. Esse Pedro Corninho era o que trabalhava. Até mesmo por que era doido, doidim! Desses que trabalha o dia todim.

Montava comício, desmontava, ia pra casa de quatro da manhã e de oito já tava de plantão pra fazer o churrasco do prefeito.

Aí, ele tava num poste botando uma gambiarra com aquele cinto num sei quantos bolsos de lona com: parafuso, alicate, chave de fenda, pedaço de arame, porca, tudo! Aquele bolsinho aqui... e ele num poste fazendo a gambiarra, quando o sapato de Dona Inacinha quebrou, aí a assessoria disse:

\_\_ Dona Inacinha, me dê seu sapato!

Aí, pegaram o sapato de Dona Inacinha, olharam pro canto e disseram:

\_\_ Pedo Cornim! Pedo Cornim! \_ Tava num poste.

\_\_ Pedo Cornim! Desce daí. Pedo Cornim desceu.

\_\_ Qual o pobrema? Qual o pobrema? Qual o pobrema?

\_\_ Pedo Cornim , o sapato de Dona Inacinha quebrou o salto.

\_\_ Oxente! Isso num é pobrema não. Me dê o sapato .

Pegou o sapato. O salto todo solto, ele foi levantando a palmilha, tirando os pregos, botou os pregos aqui, botou o sapato aqui e... pá! pá! pá! pá! Pregou o sapato todim, baixou a palmilha, botou uma fita duas faces, colou. A palmilha ficou longa, ele passou uma lixinha, deu um acabamento, pegou um tic-tac, deixou o sapato novinho, aí subiu pro poste.

Aí assessoria:

\_\_ Dona Inacinha, Dona Inacinha! Resolvemos seu problema, o problema do seu sapato, tá aqui o seu sapato em perfeito estado!

\_\_ Menino, quem fez esse serviço tão bem feito?

\_\_ Foi seu Pedo Cornim.

\_\_ Ah! Eu quero falar com ele!

\_\_ Não! Mas, ele já voltou pro trabalho.

\_\_ Não! Eu faço questão de falar com ele, chame ele! Chame ele!

\_\_ Pedo Cornim, Pedo Cornim! Desce que Dona Inacinha quer falar contigo!

Pedo Cornim desce.

\_\_ Qual o pobrema? Qual o pobrema?

\_\_ Dona Inacinha quer falar com você.

Ai Pedo Cornim foi.

\_\_ Dona Inacinha, Dona Inacinha...



\_\_ Mas seu Pedro o senhor consertou meu sapato.

\_\_ Ah! Dona Inacinha, aí é bronca safada, o outro pode quebrar, mas esse aí num quebra mais não. Que eu fiz um serviço de primeira, a senhora pode ficar tranquila.

\_\_ Pronto seu Pedro eu quero lhe gratificar.

\_\_ Não, Dona Inacinha ,a senhora num precisa me pagar não, pode deixar disso!

\_\_ Mas, eu quero lhe gratificar.

\_\_ Não ,Dona Inacinha! Vá se lascar, Dona Inacinha !Oxi!

\_\_ Mas, eu quero lhe gratificar!

\_\_ Vá se fuder ,Dona Inacinha! oxente!

Tem palavrão aí, minha gente? Não tem! Isso é gesto de bondade!

Encerrado o caso de *Pedro Corninho*, o professor entrega as seguintes indagações aos alunos organizados em trios para que respondam de forma escrita:

1. Para vocês, o que é um palavrão?
2. Para Jessier Quirino, o que é um palavrão?
3. Por que Jessier considera a palavra “fome” um palavrão?
4. Qual a intenção de Pedro Corninho ao utilizar as expressões “vá se lascar” e “vá se fuder”? O sentido das expressões no caso é o mesmo que é atribuído em outros contextos?
5. Por que o poeta e contador de causos considera as expressões “ vá se lascar” e “vá se fuder” um ato de bondade dentro desse contexto?

Posteriormente ao momento das discussões, os grupos irão socializar suas considerações, e, à medida que forem apresentando, os demais grupos podem complementar com suas conclusões. Assim, haverá mais interação entre os alunos tendo o professor como mediador.

### PASSO 3: O não dito nos causos

Sabemos que os implícitos são responsáveis por muitos significados nos textos. Analisar o discurso é procurar compreender o que o texto diz, como diz e porque o diz.

Para analisarmos os discursos não ditos, mas também ditos no caso “doce de leite de caroço”, partiremos da premissa Bakhtiniana de que nenhum texto é neutro. Não há como fugir de ideologias, elas estarão sempre presentes no texto, mesmo inconscientemente. A ideologia pode ser vista como a representação de classes sociais, e a linguagem está ligada diretamente aos seus interesses. Segundo Gregolim (1995), uma sociedade possui várias formações ideológicas e cada uma delas corresponde a uma formação discursiva. Portanto, os processos discursivos encontram-se nas produções de sentido.

O caso em questão nos permitirá analisar as relações de poder no contexto social em que os personagens estão inseridos. As marcas ideológicas serão encontradas pelos alunos por intermédio do suporte que o professor fornecerá através de perguntas feitas em uma brincadeira nos moldes de “batata quente”.

Para o jogo “batata quente”, o professor precisará construir tarjetas com as perguntas que orientam o caminho para a análise do caso “Doce de leite com caroço”. Algumas sugestões de perguntas abaixo instigarão o olhar dos estudantes para os elementos ideológicos que estão nas entrelinhas dos discursos.

1. O que está subentendido no discurso social do filho indo estudar na capital?
2. Por que tudo é definido e resolvido pela figura do pai (coronel)?
3. Qual é a função social da mulher representada no caso (mãe)?
4. Que elementos ou falas, no caso, indicam a função da mulher representada no caso?
5. Por que o professor é sempre citado no texto como “professor educado”?
6. Por que o coronel enfatiza sempre que os professores são educados?
7. Por que a preocupação deles com a etiqueta?
8. Que ideia está por trás da fala da professora quando afirma que vai quebrar a dieta?
9. Qual o valor agregado ao pires nesse contexto do caso?
10. Como se sente o coronel diante da última pergunta da professora educada: “o senhor não gosta não?”

A dinâmica do jogo será a seguinte:

- O professor prepara as perguntas e as coloca em uma caixa pequena.
- Organiza a sala em círculos e coloca uma música animada para tocar.
- Quando a música parar, o aluno que estiver com a caixa na mão pega uma pergunta para responder.
- Tanto o professor quanto os alunos podem expressar suas ideias a respeito da temática abordada em cada pergunta.
- Quando todas as perguntas forem debatidas, o professor convida os alunos a se organizarem nos grupos e fazerem um registro escrito de suas respostas.
- Os grupos receberão tarjetas para responderem suas perguntas e posteriormente, montarão um mapa conceitual que poderá ser utilizado na data da culminância das oficinas.

Para auxiliar o professor no tocante a questões ideológicas no caso “doce de leite de caroço”, seguem algumas reflexões:

1. O fato do filho do coronel ter ido estudar na capital, fazer graduação e pós-graduação, ser doutor, enfatiza o poder aquisitivo do coronel e reproduz um fato que se iniciou pós colonização: o filho dos detentores do poder iam estudar em Portugal, portanto o saber institucionalizado não estava presente no interior, no sertão, fortalecendo ainda mais as desigualdades sociais.
2. Observa-se que a base familiar é patriarcal. Tudo é definido pelo pai, desde a decisão do cardápio para o “almocinho simples”, até resolução do “problema de etiqueta”, pois Zefinha chama o coronel para perguntar-lhe como servir o doce de leite de caroço se só têm seis pires. Percebe-se que até os problemas tidos como domésticos, precisavam do aval do coronel para serem solucionados.
3. A mulher, mesmo sendo a mãe de Ricardinho, dona da casa, esposa do coronel, a função é servir, é agradar a todos. Apesar de ter uma empregada doméstica, percebemos, no caso, que Zefinha não senta à mesa, mesmo diante de toda a insistência do filho.
4. Zefinha usa um avental, que indica que ela esteve na cozinha organizando o almoço e está pronta para servir a todos. Outro momento que se percebe que a função da mulher é servir

sempre, é quando o coronel a responsabiliza pela falta de pires na casa. Todas as decisões são dele, mas, a responsabilidade pela quebra de etiqueta é dela.

5. A ideia do ensino institucionalizado e as relações de poder é perceptível quando se trata do professor ser visto como educado porque estudou, no entanto, não significa dizer que ele está em um patamar inferior.

6. O coronel enfatiza a educação dos professores, por considerar que mesmo tendo o dinheiro, o poder, ainda lhe falta o acesso à educação, ao saber institucionalizado.

7. Os pais de Ricardinho preocupam-se com a etiqueta porque acreditam que os professores são superiores a eles no quesito educação e desejam se autoafirmar através das ações do almoço.

8. O implícito na fala da professora é o estereótipo de que a mulher deve sempre se preocupar com o corpo, pois deve sempre parecer bonita, desejável e dentro dos padrões de beleza vigente: Mulher bonita é mulher magra.

9. No caso, o pires é o aprisionador do coronel. O desejo incontrolável de comer o doce, faz de um homem centralizador como o coronel refém de um pires.

10. Diante da última pergunta da professora, o coronel sente-se na obrigação de acabar com aquela prisão e o uso do palavrão é a chave para quebrar as amarras. Certamente, após esta fala do coronel, todos tiveram a oportunidade de se deliciar com o doce de leite de caroço, comendo em pratos de sopa ou dividindo o mesmo pires.

## Culminância: Feira Cultural

Feira: Isso é Cultura Popular

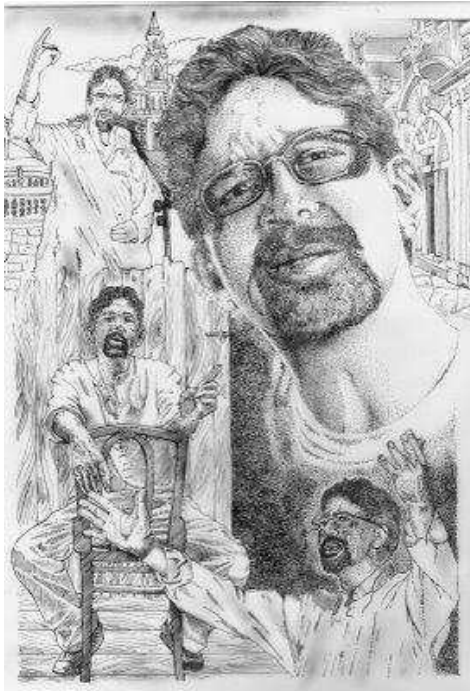


Com o intuito de celebrar a cultura popular enfatizando o gênero causo, sugerimos a realização de uma Feira Cultural para que os alunos que participaram das oficinas possam apresentar para a comunidade escolar o resultado do estudo dos causos do poeta e contador de causos paraibano, Jessier Quirino.

A feira tem como propósito congregar a comunidade escolar, bem como apresentar os trabalhos construídos pelos estudantes no decorrer das oficinas, comprovando que a Literatura Popular tem o seu lugar nas escolas e que com toda a sua expressividade possibilita o desenvolvimento de inúmeros trabalhos que auxiliam no ato de aprender.

Sugerimos as seguintes ações:

1. Sala 1: “Jessier Quirino: arquiteto por profissão, poeta por vocação, matuto por convicção”.



É importante apresentar o autor dos causos e poesias com os quais os alunos trabalham. Nesta sala, sugere-se que alguns alunos apresentem a biografia de Jessier Quirino e também apresentem a sua obra, lendo trechos de poemas e causos que devem estar expostos.

Pode-se exibir o documentário que foi estudado nas oficinas, disponível em

<https://www.youtube.com/watch?v=D8d1F9ml9H0>

Neste ambiente, faremos a exposição dos livros do autor e também de algumas caricaturas.

## 2. Sala 2: A sala do riso é coisa seria!

Os alunos organizarão, com o auxílio dos professores, uma sala para projetarem os causos de Jessier Quirino que foram estudados nas oficinas. Após a projeção, os visitantes serão convidados a entender como se dar a construção do humor nos textos apresentados.

Os alunos explicarão o que aprenderam nas oficinas. Apresentarão os gatilhos que provocam o riso, comprovando com exemplos. Elucidarão também os elementos que estão subentendidos e que expressam fatos e ideologias não ditas explicitamente, comprovando que nenhum discurso é neutro. Sugere-se que utilizem cartazes, tarjetas ou outro material que facilite a explanação.



### 3. Sala 3: A bodega



Os alunos deverão utilizar uma sala para a reconstrução de uma típica bodega do interior.

Nas oficinas, muito se foi falado no ambiente interiorano e alguns causos eram ambientados em bodegas. A intenção é utilizar o espaço temático para realizar as declamações de causos e poesias que retratem o cenário do matuto nordestino, como “Isso é cagado e cuspidio paisagem do interior” e “Parafuso de cabo de serrote” e também utilizá-la como cenário pra a dramatização do causo “A bodega de Zé Galego”, entre outras apresentações que desejarem executar com o grupo de trabalho.

### 4. Sala 4: Exposição : *“Isso é cagado e cuspidio paisagem do interior.*



Nesta sala, sugerimos organizar um ambiente que retrate os elementos interioranos. Os alunos e todos que fazem a escola podem colaborar com o acervo.

## 5. O pau de fuxico



A ideia é reproduzir o pau de fuxico muito utilizado outrora nas feiras. Os anúncios produzidos pelos alunos na oficina três devem ser divulgados utilizando este veículo.